



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

LYDIA MARINA FONSECA DIAS BARBOSA

O DIÁLOGO ENTRE LITERATURA E HISTÓRIA
NAS OBRAS DE SALÚSTIO E CÍCERO

CAMPINAS
2012

LYDIA MARINA FONSECA DIAS BARBOSA

**O DIÁLOGO ENTRE LITERATURA E HISTÓRIA
NAS OBRAS DE SALÚSTIO E CÍCERO**

Monografia apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Letras – Português.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Aurelio Pereira

**CAMPINAS
2012**

Dedico este trabalho à minha avó
Janette, que sempre sonhou com
minha formatura.

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, prof. Dr. Marcos Aurelio Pereira, pelo enfrentamento, coragem e paciência em me orientar.

A Deus, pelo apoio incondicional.

Aos meus pais, Balduino e Valéria, pela nova chance.

Ao meu namorado, Eduardo, por existir.

*“O que amas de verdade permanece,
O resto é escória
O que amas de verdade não te será arrancado
O que amas de verdade é tua herança verdadeira
(...)”*

Ezra Pound

RESUMO

O presente trabalho visa comparar os gêneros das *Catilinárias* de Cícero e da *Conjuração de Catilina* de Salústio. Para tal, trataremos da concepção ciceroniana de *historia* e como ela é definida por ele em suas obras: *De oratore*, *De legibus*, *Epistulae ad familiares* e *Orator*. Tentaremos justificar nossas afirmações por meio de trechos das próprias obras, ora traduzidos por nós, ora por outros autores. Após isso, sustentaremos uma classificação “tradicional” de gênero dos dois textos, sendo a obra de Salústio uma monografia histórica e a de Cícero discursos oratórios. Por fim, embasando-nos em conceitos retóricos, buscando suporte na obra anônima *Retórica a Herênio*, tentaremos justificar que essas obras não se inserem dentro de um estilo de texto apenas.

Palavras-chave: Cícero; Salústio; História; Retórica; Literatura

ABSTRACT

This study aims to compare the genres of Cicero's *Catilinarians* and Sallust's *Conspiracy of Catiline*. To this end, we address the Ciceronian conception of history and how it is defined by that author in his works: *De oratore*, *De legibus*, *Epistulae ad familiares* and *Orator*. We will try to justify our claims through excerpts of the works themselves, in our translation, and sometimes by other authors. After that, we will maintain a "traditional" classification of the genre of the two texts: the work of Sallust as a historical monograph; the speeches of Cicero as oratory. Finally, basing ourselves in rhetorical concepts, seeking support in the anonymous work *Rhetoric for Herennius*, we will attempt to show that these works don't fall within one text style only.

Keywords: Cicero, Sallust, History, Rhetoric, Literature

Sumário

Introdução	1
A concepção ciceroniana de <i>historia</i>	2
A <i>historia</i> na <i>Conjuração de Catilina</i>	12
O <i>ingenium</i> de Cícero como <i>orator</i> das <i>Catilinárias</i> e a obra de Salústio: um confronto	21
O que são Literatura, História e Retórica?	28
O “casamento” dos gêneros: Literatura, História e Retórica	31
A Retórica na <i>Conjuração de Catilina</i> e nas <i>Catilinárias</i>	35
Conclusão.....	42
Referências bibliográficas.....	42

Introdução

Propomos a comparação de obras aparentemente distintas: a monografia de Salústio e os discursos de Cícero contra Catilina, que, embora apresentem diversidades genéricas, são unidas pela retórica, evidente nos discursos de Cícero e também presente numa obra historiográfica como a de Salústio.

Partimos inicialmente de uma concepção moderna de gênero literário para tentar classificar as duas obras. Logo, passamos ao estudo da retórica antiga que permeia essas duas obras, mas antes apresentamos a definição de história segundo Cícero, que acabou considerado precursor do “fazer história” por outros autores em Roma.

Conforme Gaillard e Martin (1981, p. 114), os gêneros literários se subdividem em narrativo, demonstrativo¹, dramático, afetivo e formas paraliterárias, i.e. gêneros circunstanciais (como a carta, entre outros gêneros). Na página 22, os autores apresentam o seguinte quadro (trad. nossa):

Gênero narrativo	Epopéia	Romance	Autobiografia	Historiografia	Fábula
Gênero demonstrativo	Poesia didática	Tratado	Diálogo	-	-
Gênero dramático	Comédia	Tragédia	Mímica	-	-
Gênero afetivo	Poesia lírica	Bucólica	Elegia	Sátira	Epigrama
Formas paraliterárias	Discursos oratórios	Carta-missiva	Epístola	-	-

Fig. 1: Gêneros literários, uma concepção moderna.

Assumindo esse ponto de vista, por ora, classificaremos a *Conjuração de Catilina* de Salústio como uma monografia histórica que configuraria exemplo do gênero narrativo, enquanto

¹ O “gênero demonstrativo”, nesse caso, engloba a poesia didática, os tratados e os diálogos. Por outro lado, na retórica antiga, essa é a denominação do discurso epidítico, de louvor ou vitupério – *demonstratiuum genus*.

as *Catilinárias* de Cícero fariam parte do que aí se denomina “forma paraliterária”, isto é, no caso, o discurso oratório. No decorrer do trabalho, confirmaremos a procedência dessa classificação.

A concepção ciceroniana de *historia*

Sabe-se que no século I a.C. nenhum autor tinha escrito aquilo que Cícero chamou de *historia*. Isso até Salústio nos apresentar *De coniuratione Catilinae* e *Bellum Iugurthinum*. Para chegarmos a este autor, passaremos, primeiramente, pela definição ciceroniana de *historia*, que se encontra em *De oratore*, II.51-64, *De legibus*, I.2, na carta que escreveu a seu amigo Luceio (*Ad familiares*, V.12) e em *Orator* 66. Segundo Gaillard e Martin (1981), nessas obras, Cícero desenvolve a teoria do gênero literário *historia*, que os autores consideram como verdadeiro fundamento da historiografia romana. Conforme Ambrosio (2002), no tratado *De oratore* tem-se a construção de um sentido para *historia* segundo a antiga retórica²: ela surgiria a partir do gênero demonstrativo, ou seja, Cícero teoriza sobre a História, mas não a faz como tal – i.e. como o que hoje conhecemos como História.

Cícero, através de Marco Antônio³, diz que a função do *orator* vai além daquela por ele exercida dentro do senado e do fórum. A *facultas dicendi* do orador, “no gênero demonstrativo, passa a ter também intenção didática e de exortação moral. À História, como gênero demonstrativo, são atribuídos os mesmos fins” (Ambrosio, 2002, p. 12). A História no gênero demonstrativo tem, portanto, a função didática de exortação moral.

Sabe-se que perguntas marcadas por advérbios no grau comparativo assinalam algo comum ao gênero demonstrativo. A *historia* aparece, então, seguindo este formato em *De oratore*, II.35:

² Lembramos que são três os gêneros dos quais o orador deve se encarregar: o demonstrativo, o deliberativo e o judiciário. “O demonstrativo destina-se ao elogio ou vitupério de determinada pessoa. O deliberativo efetiva-se na discussão, que inclui aconselhar e desaconselhar. O judiciário contempla a controvérsia legal e comporta acusação pública ou reclamação em juízo com defesa” (*Rhetorica ad Herennium*. I.2).

³ Salientamos que não se trata daquele Marco Antônio conhecido por inimigo mortal de Cícero, mas de seu avô.

[35] *Quis cohortari ad uirtutem ardentius, quis a uitiiis acrius reuocare? Quis uituperare improbos asperius, quis laudare bonos ornatius? Quis cupiditatem uehementius frangere accusando potest? Quis maerorem leuare mitius consolando?*

[35] Quem pode exortar a ir em direção à virtude com maior ardência, quem tirar dos vícios com maior severidade? Quem culpa os perversos com maior aspereza, quem elogia os bons com maior ornamentação? Quem, repreendendo, pode fazer cessar a cobiça com maior veemência? Quem, consolando, alivia o pesar com maior suavidade?⁴

Em *De orat.* II.50, Marco Antônio afirma que a *historia* deve ser valorizada como os discursos judiciais (“... *et agenda sunt non minus diserte, quam quae in lite dicuntur...*”) e que no gênero demonstrativo certos “preceitos” cabem menos (“... *sed ex artificio res istae praecepta non quaerunt...*”).

O termo *historia* aparece novamente em *De or.* II.51:

[51] *"Age uero," inquit Antonius "qualis oratoris et quanti hominis in dicendo putas esse historiam scribere?" "Si, ut Graeci scripserunt, summi," inquit Catulus; "si, ut nostri, nihil opus est oratore; satis est non esse mendacem."*

[51] “Bem, na verdade”, disse Antônio, “que tipo de orador e quão grandemente eloquente pensas que um homem deva ser para escrever História?” “Se escreverem como os gregos, devem ser os melhores”, disse Cátulo; “se forem como os nossos, não é preciso um orador, não ser mentiroso já é suficiente”.

No diálogo, Antônio levanta a questão: “Que tipo de homem ou orador poderia escrever a História?” Segundo Ambrosio (2002), a resposta de Cátulo separa a *inuentio* da *elocutio* no *scribere historiam*. Para escrever História sendo um romano, não é necessário ser um grande orador, basta não ser um mentiroso, i.e. basta a *inuentio*⁵, diferentemente do historiador grego, que é um bom orador, ou seja, tem boa elocução. Entendemos, então, que, para o autor romano de obra histórica, era necessária uma grande imaginação para narrar os fatos, e o próprio Cícero acreditava que, para ser um grande autor de obra histórica, não era preciso necessariamente ser orador, porém o inverso não era verdadeiro, pois o orador era um verdadeiro detentor de vários saberes, entre eles das artes liberais, aí incluída, de modo importante, da história.

⁴ Traduções nossas.

⁵ “Cícero define *inuentio* como a *invenção das coisas verdadeiras ou verossímeis que tornem a causa provável* (*De inuentione*, 1.9). Como vemos, a *inuentio* fazia distinção entre coisas verdadeiras e verossímeis, mas ambas podem servir para construir argumentos” (Ambrosio, 2002, p. 22-23).

Marco Antônio logo responde a Cátulo sobre a superioridade dos gregos na elocução, afirmando que nem sempre aqueles gregos tiveram discursos adornados, uma vez que, no início, confeccionavam algo semelhante aos anais pontifícios romanos⁶ para preservar a memória dos acontecimentos públicos, não estando preocupados com o adorno das palavras:

"Atqui, ne nostros contemnas," inquit Antonius, "Graeci quoque ipsi sic initio scriptitarunt, ut noster Cato, ut Pictor, ut Piso; [52] erat enim historia nihil aliud nisi annalium confectio, cuius rei memoriaeque publicae retinendae causa ab initio rerum Romanarum usque ad P. Mucium pontificem maximum res omnis singulorum annorum mandabat litteris pontifex maximus referebatque in album et proponebat tabulam domi, potestas ut esset populo cognoscendi, eique etiam nunc annales maximi nominantur. [53] Hanc similitudinem scribendi multi secuti sunt, qui sine ullis ornamentis monumenta solum temporum, hominum, locorum gestarumque rerum reliquerunt; itaque qualis apud Graecos Pherecydes, Hellanicus, Acusilas fuit aliique permulti, talis noster Cato et Pictor et Piso, qui neque tenent, quibus rebus ornetur oratio – modo enim huc ista sunt importata – et, dum intellegatur quid dicant, unam dicendi laudem putant esse brevitatem. (De oratore II.51-53)

“Entretanto, não debes desprezar os nossos”, disse Antônio, “Além do mais, os próprios gregos, logo no início, escreviam como nosso Catão, como Pictor, como Pisão, [52] pois a História não era nada senão a confecção de anais; para preservar a memória pública, desde o início dos acontecimentos em Roma até o pontífice máximo Públio Múcio, o pontífice máximo mandava registrar todos os fatos de cada ano, gravava-os numa tábua branca e os exibia em casa para que o povo pudesse conhecer, aos quais agora se chama de anais máximos. [53] Muitos seguiram essa maneira de escrever⁷, que, sem nenhum adorno, deixaram somente lembranças dos tempos, dos homens, dos lugares e das coisas alcançadas; logo, como foram Ferecides, Helânico, Acusilau e muitos outros entre os gregos, entre os nossos, estão Catão, Pictor e Pisão, que não compreendia com que um discurso podia ser ornado – pois tais coisas foram importadas para nosso país – e, desde que se compreendesse o que diziam, pensavam que o único mérito da eloquência era a brevidade”.

Um exemplo de registro histórico eram os *Annales Maximi*. Estes eram arquivos pontificais que “de início, registravam acontecimentos considerados religiosos, tais como eclipses, secas, carestias, epidemias, presságios; em seguida, passou-se às crônicas dos fatos mais importantes do ano, sem nenhuma preocupação com a exornação” (Ambrosio, 2002, p. 14).

⁶ François Hartog comenta: “Não havendo na Grécia anais pontifícios, encontra ele [Dionísio de Halicarnasso] seu equivalente nos santuários ou em locais públicos, os quais os primeiros historiadores haveriam de transcrever “sem nada pôr nem tirar”, com um estilo despretenso. Mas nada, até agora, pôde comprovar essa hipótese de Dionísio, que, em si mesma, se baseia na simetria com as origens da historiografia romana” (Hartog, 2001, p. 181).

⁷ “Muitos imitaram essa escrita monótona” (Trad. Scatolin, 2009, p. 204).

Muitos autores⁸ romanos optaram pelo modo de escrever dos *Annales*, *sine ullis ornamentis*. Os próprios autores da época viam a limitação dos anais. A *historia* com a função de exortar a moral estava limitada. Ela deveria ser algo a mais que a simples narração de acontecimentos. Portanto, a História como parte do gênero demonstrativo não era mais suficiente. Era preciso algo mais. Ela não deveria ter apenas a função de exortação moral na narrativa dos fatos: eles deviam ser narrados seguindo algumas técnicas de ornamentação.

Conforme Gaillard e Martin (1981, p. 115), a função da História não era esclarecer somente sobre as técnicas da ação (dentro de uma perspectiva pragmática), mas também sobre os componentes morais dessa ação. A profunda virtude da História estaria em saber propor um panorama de conduta humana em uma pintura contrastada, de onde emergiria, pela beleza da forma, a imagem da beleza moral. Outra concepção sobre a obra histórica é considerada: segundo ela, não se deve escrever sobre o passado, mas escrever diferentemente uma História nova, daquele tempo. Gaillard e Martin afirmam que aquilo que é distante e antigo pode se perder em testemunhos contraditórios ou complacentes, uma vez que o passado é indecifrável; por isso, a *historia* deve versar sobre o que é novo.

No *Orator* se fala sobre como devia ser o gênero de elocução da *historia*: próximo ao gênero dos sofistas e distante do gênero judiciário:

[66] *Huic generi historia finitima est, in qua et narratur ornate et regio saepe aut pugna describitur; interponuntur etiam contiones et hortationes, sed in his tracta quaedam et fluens expetitur, non haec contorta et acris oratio [...]* (*Orator*, 66)

[66] **A história se aproxima deste gênero**, onde se narra de forma ornada e geralmente se descreve uma região ou batalha; ainda são inseridos discursos e exortações, mas nestes se exige certo discurso fluente e extenso, não este discurso obscuro e agudo [...]

Considera-se que no momento em que Cícero começou a escrever o *De legibus* não havia ainda em Roma uma *historia* à altura das obras de historiadores gregos como Heródoto e Tucídides. Heródoto foi chamado de pai da História⁹ por ter criado um novo gênero: o relato de

⁸ O único autor romano de obra histórica do período que se diferenciou um pouco foi Célio Antípatro, porque se preocupou não só com a narração da *historia*, mas também com a ornamentação desta.

⁹ Devemos lembrar que História “com H maiúsculo, é o nome de uma disciplina, que não se confunde com história, aquilo que ocorreu no passado. Em nossa língua, assim com em diversas outras línguas de origem latina, história costuma designar, a um só tempo, aquilo que se passou e o relato sobre o passado. Os dois termos, contudo, não se confundem. Em alemão, diferencia-se, de forma clara, o passado, aquilo que se passou (*die Geschichte*) e o relato do

pesquisa (sobre as causas presentes dos conflitos entre gregos e persas) que inclui o passado. Segundo Funari (2004), depois disso, *historia* passou a ser uma expressão literária preocupada com a percepção e impressão que o leitor tinha desse relato. Tucídides consolidará essa nova forma literária com seu relato sobre a Guerra do Peloponeso. Como Heródoto, este autor se preocupa com a busca das causas da guerra, e enquanto testemunha dos fatos, narra, recria discursos de personagens. Heródoto buscava interessar seus contemporâneos com narrativas fáceis e variadas, já Tucídides escrevia pragmaticamente, visando os assuntos públicos. Ainda conforme Funari (2004), a reprodução desses discursos são exercícios de Retórica, já que a História é filha direta daquela.

A História (ιστορία), então, para os gregos, além de narrar ou explicar os fatos, acontecimentos públicos e privados, tinha uma estrutura, uma ordenação de argumentos e elementos e deveria conservar a beleza das palavras, ou seja, a forma:

Heródoto e Tucídides não queriam apenas narrar ou explicar, defendiam, mirando-se nos *logoi* da praça pública, um ponto de vista sobre a sociedade da qual faziam parte, Atenas, e seu sistema político, fundado, precisamente, na *isegoria* (“igualdade de fala, liberdade de expressão”). Assim como os discursos, a narrativa histórica deve convencer pela beleza, *forma*, palavra latina que significa, a uma só vez, a aparência e a formosura e que bem traduz os conceitos gregos de *morphé* (forma), *skhêma* (esquema), *taxis* (ordem), pois a forma implica uma estruturação, uma ordenação dos argumentos e dos elementos (Funari, 2004, p. 2).

Cícero, em *De legibus*, I.2, expõe o fato de que a *historia* como *res exornata scripta* ainda não existia. Para Ático¹⁰, Cícero era a melhor pessoa para fazer esse trabalho: escrever a *historia ornata*, definida anteriormente por ele. Conforme Scatolin (2012), em *De leg.* I.5-6, encontramos explicitamente na forma de um pedido de Ático a Cícero essa referência a Cícero como o orador capaz de conferir o ornato adequado ao gênero da história:

Atticus: *Postulatur a te iam diu uel flagitatur potius historia. Sic enim putant, te illam tractante effici posse, ut in hoc etiam genere Graeciae nihil cedamus. Atque ut audias quid ego ipse sentiam, non solum mihi uideris eorum studiis qui [tuis] litteris delectantur,*

passado (*die Historie*), usando o alemão o verbo ‘passar, acontecer’ (*geschehen*) para cunhar o termo *Geschichte* (literalmente, “o Passado”)) (Funari, 2004, p. 1).

¹⁰ Tito Pompônio Ático era um amigo íntimo de Cícero, a quem este geralmente enviava cartas. Dedicou seu tempo ao estudo da Filosofia e foi o editor de grande parte das obras do orador.

sed etiam patriae debere hoc munus, ut ea quae salua per te est, per te eundem sit ornata. Abest enim historia litteris nostris, ut et ipse intellego et ex te persaepe audio. Potes autem tu profecto satis facere in ea, quippe cum sit opus, ut tibi quidem uideri solet, unum hoc oratorium maxime. [6] Quam ob rem adgredere, quaesumus, et sume ad hanc rem tempus, quae est a nostris hominibus adhuc aut ignorata aut relictæ (...)

Ático: Já há muito se demanda ou, antes, se exige de ti uma obra de história. E que consideram que, se te ocupares dela, é possível que também neste gênero não fiquemos em nada atrás dos gregos. E, para que ouças o que eu próprio penso, creio que deves essa dádiva não apenas à devoção daqueles que se comprazem com teus escritos, mas também à pátria, a fim de que ela, que por ti foi salva, seja também ornada por ti. **É que a história está ausente de nossas letras,** segundo eu próprio entendo e inúmeras vezes ouvi de ti, **e tu com certeza podes ter êxito nela, uma vez que se trata, pelo menos segundo costumamos considerar, de um gênero particularmente oratório.** Por isso, pedimos-te que sigas adiante e encontres tempo para ela, que até o momento foi ignorada ou abandonada por nossos conterrâneos¹¹.

Para Gaillard e Martin (1981), a concepção ciceroniana de História poderia ser resumida pela fórmula *historia ornata*, uma historiografia ornamentada. Ainda segundo aqueles autores, *ornare* não significa “deixar bonito [belo] aquilo que não é”, mas “descrever belamente o que é belo” (p. 115), onde haveria duas exigências para a descrição: a qualidade da expressão, que, segundo o gosto ciceroniano, implica um estilo abundante, porém sem conflitos e sem paixão (podendo ser comparado ao movimento harmonioso de um rio, que corre de modo calmo e tranquilo), e o tratamento histórico, que põe as belezas da História em evidência. Uma justificativa dada por Marco Antônio, em *De oratore* II.55, ao fato de Roma não ter um historiador à altura foi que os romanos deveriam preocupar-se com ser eloquentes diante do senado ou do fórum, ou seja, suas profissões estavam ligadas ao judiciário e à política, o que não acontecia com os gregos, que estavam afastados dos tribunais e *ad scribendam historiam se applicauerunt* (Ambrosio, 2002, p. 17). Conforme Pichon (*apud* Nascimento, 2001, p. 17), “a história perde um pouco menos que a eloquência na revolução que transforma o Estado romano. Ela não está no mesmo nível que a eloquência, que precisa de uma vida política muito ativa; é uma ciência de escritório, não de fórum¹²”. Então, História e dedicação aos tribunais e à política andavam em lados opostos, como ocorre a Cícero, que se dedicou veementemente à produção de

¹¹ Tradução e grifos: Scatolin, 2012, p. 10.

¹² “L’histoire perd un peu moins que l’éloquence à la révolution que transforme l’État romain. Elle n’a pas, au même degré que l’éloquence, besoin d’une vie politique très active; c’est une science de cabinet, non de forum”.

discursos diante do senado e do fórum, não podendo aproximar-se da História e escrevê-la, pois para isso era necessário *uacuum tempus et liberum*. Logo, para Cícero, “a *historia*, como *opus oratorium maxime*, exige todo o talento e todos os recursos do *orator*, além disso exige *otium*, tempo livre tomado das atividades políticas e judiciárias típicas do cidadão pertencente à elite romana” (Ambrosio, 2002, p. 18).

Em 56 a.C. Cícero endereça uma carta a Luceio, que estava escrevendo uma obra histórica seguindo o gênero analístico, cujos relatos seguiam uma ordem cronológica (*Ad Familiares*, V.12). Cícero expressa sua vontade em ser citado pelo autor, porém de maneira diferente daquela que o autor faria, não em meio a uma narrativa sequencial, uma vez que temia ser ofuscado pelos fatos narrados, esperando que seus feitos fossem conhecidos e “imortalizados” (principalmente sua vitória contra Catilina e a favor da república romana). Para convencer Luceio a escrever sua *historia*, Cícero utilizou o argumento de que os dois não seriam esquecidos, teriam sua glória reconhecida depois da composição de tal obra – é graças ao engenho/artifício do historiador que a memória de ambos será mantida. Vemos nestes trechos de *Ad Fam.* V.12:

[1] *Ardeo cupiditate incredibili neque, ut ego arbitror, reprehendenda, nomen ut nostrum scriptis illustretur et celebretur tuis (...) neque enim me solum commemoratio posteritatis ad spem quandam immortalitatis rapit, sed etiam illa cupiditas, ut vel auctoritate testimonii tui vel indicio benevolentiae vel suavitate ingenii vivi perfruamur.*

[1] Ardo pelo incrível desejo que, como julgo, não deve ser censurado, de que **nosso nome seja ilustrado e celebrado pelos teus escritos** (...). Com efeito, não somente a recordação da posteridade me rapta para alguma esperança de **imortalidade**, mas também aquele desejo de que, ou pela **autoridade do teu testemunho, ou pela benevolência da tua indicação, ou pela suavidade do teu engenho sigamos vivos**¹³.

Conforme aquele autor, Cícero não pôs suas teorias (sobre *historia*) em prática, confiando essa tarefa a seus amigos. Mas, pergunta-se: “Por que o próprio Cícero não escreveu a história de si mesmo?” A resposta é dada pelo próprio Cícero, no capítulo VIII da carta. Segundo ele, escrever sobre si mesmo pode comprometer os efeitos da história sobre o leitor, além de diminuir a *fides* e a *auctoritas*, comprometendo, portanto, a verossimilhança dos fatos narrados. Entendemos que a *historia* negocia a *fides* com o leitor/ouvinte; para que este lhe atribua credibilidade, deve haver isenção da parte do autor da *historia*, o que não é possível quando se

¹³ Trad. Chiappetta, 1996, p. 22.

escreve sobre si mesmo. É a *lex ueritatis* que impede o historiador de mentir sobre os fatos, uma vez que somente a realidade e a autenticidade dos fatos descritos podem dar autoridade à história.

Desse modo, o que seria narrado por Luceio, segundo desejava Cícero, a *res* da *historia* aqui, é o próprio Cícero e seus anos de consulado. A partir daí, surge um novo subgênero da *historia*, diferente da autobiografia e da *historia* cujos parâmetros são os *Annales*. Esse novo subgênero é a monografia histórica defendida por Cícero em *Ad familiares*, V.12.2. Ali, Cícero propõe que Luceio não siga a ordem cronológica dos fatos e que comece logo sua *historia* tratando dele, Cícero, e de seu consulado. Este é um novo procedimento da narração, uma *inuentio* proposta por Cícero, que quebra os parâmetros sequenciais dos *Annales*.

Neste trecho, Cícero explica sua rejeição pelo *ordo annalium*:

etenim ordo ipse annalium mediocriter nos retinet quasi enumeratione fastorum: at viri saepe excellentis ancipites variique casus habent admirationem exspectationem, laetitiam molestiam, spem timorem; si vero exitu notabili concluduntur, expletur animus iucundissima lectionis voluptate. Quo mihi acciderit optatius, si in hac sententia fueris, ut a continentibus tuis scriptis, in quibus perpetuam rerum gestarum historiam complecteris, secernas hanc quasi fabulam rerum euentorumque nostrorum; habet enim varios actus mutationesque et consiliorum et temporum. (*Ad familiares*, V.12.5-6)

De fato, a própria ordem dos anais nos retém moderadamente, quase como uma enumeração de fastos, mas, muitas vezes, a fortuna incerta e diversa de um homem distinto provocam admiração, expectativa, contentamento, aborrecimento, esperança e temor; na verdade, se forem concluídas com êxito notável, o espírito se encherá com o agradabilíssimo prazer da leitura. Por isso, ser-me-ia mais agradável se tu tomasses essa decisão para que, da continuidade de teus escritos, em que terás abarcado a perpétua história dos fatos, separe essa fábula, por assim dizer, dos nossos negócios e eventos, pois envolve os vários atos e mudanças das deliberações e dos tempos.

Cícero, além de temer que seu nome se perdesse entre tantos fatos narrados e que não obtivesse a glória e o louvor que tanto almejava, tentava convencer seu amigo que aventuras e desventuras de um homem excepcional (ele mesmo) parecem mais agradáveis, prazerosas e atraentes aos olhos do leitor. Segundo o que Marco Antônio denomina *ratio rerum*, no *De oratore*, a monografia possibilita o *delectare*.

O papel de Luceio era apresentar as *res gestae* do consulado de Cícero como se fossem uma *fabula*, a fim de que se crie no leitor o prazer da leitura; o *ingenium* e a *auctoritas* do autor (Luceio) tornariam a *fabula* (texto) digna da *fides* do leitor/ouvinte¹⁴:

a principio enim coniurationis usque ad reditum nostrum videtur mihi modicum quoddam corpus confici posse, in quo et illa poteris uti civilium commutationum scientia vel in explicandis causis rerum novarum vel in remediis incommodorum, cum et reprehendes ea, quae vituperanda duces, et, quae placebunt, exponendis rationibus comprobabis, et, si liberius, ut consuesti, agendum putabis, multorum in nos perfidiam, insidias, prodicionem notabis. Multam etiam casus nostri varietatem tibi in scribendo suppeditabunt plenam cuiusdam voluptatis, quae vehementer animos hominum in legendo tuo scripto retinere possit; nihil est enim aptius ad delectationem lectoris quam temporum varietates fortunaeque vicissitudines [...] (Ad familiares, V.12.4).

Portanto, do início da conjuração até o nosso retorno (do exílio), parece-me que um texto [monografia] razoável possa ser preparado, no qual tu poderias utilizar teus conhecimentos sobre as revoluções civis, explicando a causa dos novos acontecimentos ou curando as desgraças enquanto censuras aquilo que consideras repreensível e, expondo suas razões, atestas aquilo que agrada a ti; e se acreditares que as podes conduzir com maior liberdade, como de costume, verás a deslealdade, a insídia e a traição de muitos contra nós. Além disso, minhas vicissitudes fornecerão muita variedade à tua composição, tendo ela mesma muito charme, capaz de reter veementemente a imaginação dos homens que leem teus textos. Pois não há nada mais capaz de deleitar os leitores do que as mudanças dos tempos e as variações da fortuna.

Neste excerto, para Cícero, a *historia* deve ter a capacidade de deleitar o leitor e fixar sua atenção. Esta capacidade oscila entre a *res* (do consulado até o exílio) e o *ingenium* de Luceio. O talento, a capacidade de Luceio, no entanto, vai além de saber “deleitar”, “agradar” e “ensinar” o leitor. Na opinião de Cícero, aquele deve também ter a habilidade de ornar sua narrativa com uma forma de linguagem apropriada. “O *ingenium* de Luceio deve também, para conseguir *delectare*, *placere* e *docere* o público, saber *ornare* esse tema com as *uerba* convenientes, com uma elocução digna da *res inuenta*” (Ambrosio, 2002, p. 28).

Itaque te plane etiam atque etiam rogo, ut et ornes ea vehementius etiam, quam fortasse sentis, et in eo leges historiae negligas gratiamque illam, de qua suavissime quodam in prooemio scripsisti, a qua te flecti non magis potuisses demonstras quam Herculem Xenophontium illum a Voluptate, eam, si me tibi vehementius commendabit, ne aspernere amorique nostro plusculum etiam, quam concedet veritas, largiare (Ad familiares, V.12.3).

¹⁴ O que se configura, naturalmente, como exemplo de recurso retórico.

Assim, ainda te peço claramente e continuamente te rogo que as ornes ainda com maior veemência do que talvez penses e que, nisto, desconsideres as leis da história, e a boa vontade sobre a qual escreveste com tamanha suavidade em certo prefácio, a partir da qual demonstras que não poderias ser desviado pelo favorecimento mais do que o famoso Hércules de Xenofonte pelo Prazer, não a desprezes se ele me confiar a ti com maior entusiasmo, e um pouco mais do que a verdade conceder, espalha-a em favor de nossa amizade.

Conforme Ambrosio (2002), quando Cícero pede a Luceio que negligencie alguns fatos, ele propõe a “*exaedificatio da historia*, da qual ele próprio é o tema central e na qual, pelo recurso à *inuentio*, à *auctoritas* e ao *ingenium* do *scriptor*, consiga obter a *fides* dos leitores e assim fazer com que Cícero, personagem da *historia*, e seu consulado apareçam ao leitor conforme deveriam ser” (p. 29). Daí, não faz sentido pensar que a historiografia antiga “deveria ser cientificamente verdadeira, sob a pena de tornar-se um falso testemunho e perder todo o seu valor” (p. 29).

Como o orador do gênero demonstrativo, o autor da monografia histórica tem a função de sanar as desgraças, enquanto censura aquilo que considera repreensível e, expondo suas razões, atesta aquilo que lhe agrada.

As funções do autor de uma monografia histórica aparecem designadas com as mesmas palavras usadas para indicar as funções do orador no gênero demonstrativo: sugerir remédios para as calamidades, repreender o que for considerado digno de censura, justificar aquilo que for digno de aprovação, anotando, em cada caso, os motivos da repreensão e da aprovação (Ambrosio, 2002, p. 27-28).

Logo, o papel do historiador é ser fiel aos fatos que narra, podendo utilizar as *uerba convenientes* (e também *ornare*) para agradar o público ou leitor, assim como o orador o faz. Sabemos que Cícero teorizou sobre a história, mas não a escreveu, passando essa tarefa a outros. Segundo Funari (2004), a historiografia iria florescer no século V a.C. na Grécia. Porém, Salústio foi o primeiro historiador latino, apresentando obras de destaque para a historiografia antiga.

Depois de citarmos o nome de Salústio e após discutirmos o significado do conceito de história, passaremos à discussão do papel do autor de monografias históricas e sua definição, segundo Cícero, para passarmos, então, à consideração da obra de Salústio, caracterizada como monografia histórica. Partiremos da definição dada por Cícero a esse gênero, seguindo Fornara (1983), Gaillard e Martin (1981) e Woodman (1988).

Cícero teoriza sobre a monografia histórica na carta *Ad familiares* V.12, onde pretendia que se registrasse a história de seu consulado desde o episódio de Catilina até sua volta do exílio. Definiu que o tempo, o lugar e a ação eram focos (campos) daquela e que ela estaria centrada em torno de um herói ou de uma crise. Propôs ao mesmo tempo unidade, variedade e o ofício de *delectare* para esta, tendo ela uma forma literária, ou seja, *ornamenta*. O autor deveria ser mais que um *narrator rerum*, devia ser um *exornator rerum*. Além disso, essa forma de texto (monografia) se opunha à analística (*annales maximi*) tanto pela extensão quanto pela concentração temática. Teremos uma monografia histórica quando uma investigação histórica pragmática incide sobre um único fato (a conspiração), e esse é o caso da *Conjuração de Catilina*.

A historia na Conjuração de Catilina

Salústio não trata da *historia* segundo preceitos ciceronianos, mas utiliza o estilo breve, estilo esse que Cícero recusava. Gaillard e Martin (1981, p. 114) afirmam que é somente após a morte de Cícero que aparecem obras (históricas) maiores, como as monografias de Salústio, a história de Tito Lívio e as crônicas de Tácito¹⁵, por exemplo: “com esses três autores, o gênero literário que Cícero fez nascer conheceu seu apogeu num século¹⁶” (p. 116). Ainda segundo Gaillard e Martin (p. 114), os citados são três autores com estilos e métodos diferentes.

Apesar disso, seria errado dizer que Cícero influenciou diretamente esses autores, sobretudo Salústio, que não compartilhava de sua ideologia nem de suas preferências estilísticas... (p. 114). Salústio optou por tratar a história de seu tempo em monografias, de acordo com a vontade de Cícero, mas nesse estilo breve, recusado pelo ardente defensor da abundância oratória; Tito-Lívio, pelo contrário, pratica esse estilo ornado e essas frases amplas que Cícero preconiza, mas numa obra cujo método analístico e cuja extensão mesma teriam sido criticados por esse juiz severo. E, em oposição a esses dois autores, Tácito realizará algo original, encontrará o sublime por vias estranhas à estética ciceroniana¹⁷ (Gaillard e Martin, 1981, p. 114-115).

¹⁵ C'est en effet après la mort de Cicéron qu'apparaissent les œuvres majeures que sont les monographies de Salluste, l'histoire de Tite-Live, puis le chroniques de Tacite” (Gaillard e Martin, 1981, p. 114).

¹⁶ “Avec ces trois auteurs, le genre littéraires dont Cicéron suscitait la naissance a connu en un siècle son apogée [...]” (Gaillard e Martin, 1981, p. 116).

¹⁷ “Il serait sans doute erroné de dire que Cicéron a influencé directement ces auteurs – surtout dans le cas de Salluste, qui ne partage pas du tout son idéologie ni ses préférences stylistiques... Salluste a choisi de traiter l'histoire

Segundo Nascimento (2001), o conceito de história que “não diz nada de falso e nada esconde de verdadeiro” se evidencia nas obras de Tácito e se remodela em Salústio, que “faz uma investigação psicológica acerca de suas personagens e reconstitui-lhes a alma para melhor fazê-la ressaltar” (p. 17).

Logo no início de sua obra, Salústio se coloca como um narrador de fatos e acontecimentos, o que o tornaria consagrado, pois se tratava de uma tarefa árdua:

Para mim, embora não seja nada igual a glória do que escreve a história e do que a faz, parece-me particularmente árduo narrar os fatos: primeiro porque as palavras devem estar à altura dos acontecimentos; depois, porque as críticas que se vier a fazer, a maioria pensa que tudo foi dito por antipatia e despeito¹⁸ (...) (*De Coniuratione Catilinae* 3.2).

Percebemos, ao longo da *Conjuração de Catilina*, a opinião de Salústio sobre autores de obras históricas, inclusive ele mesmo: “(...) o grande feito dos homens é resultado do *ingenium* dos grandes escritores que o narraram, equiparando-se à *uirtus* dos autores e dos que a souberam enaltecer” (Neto, 2008, p. 1).

Conforme Gaillard e Martin (1981), Salústio, com uma carreira política fracassada, produz obras agressivas, polêmicas, mas lúcidas e reflexivas. Sua historiografia se baseia numa história seletiva, voltada para os acontecimentos mais importantes, que serão tratados em forma de monografia, escolha essa que entra ao mesmo tempo na forma e no pano de fundo, já que o autor reivindica o direito de análise e de interpretação (dos fatos da *res publica*), implicitamente justificado pelo seu desengajamento político. Somente sua situação pessoal (de frustração com a política) pode clarear a ligação entre historiografia e política. A partir de uma experiência negativa, até mesmo dolorosa, Salústio propõe-se escrever história, não para alimentar uma

de son temps en monographies, selon le vœu de Cicéron, mais dans ce style “bref” que récusait cet ardent défenseur de l’abondance oratoire; Tite-Live, en revanche, pratique ce style orné et ces phrase amples que préconise Cicéron, mais dans un œuvre dont la méthode annalistique et l’ampleur même eussent été critiquées par ce juge sévère. Et, face à ces deux auteurs, Tacite réalisera un compromis original, en trouvant toutefois le sublime par des voies étrangères à l’esthétique cicéronienne”.

¹⁸ Trad. do Prof. Antônio S. Mendonça (1990).

atividade política da qual ele estava, dali em diante, afastado, mas para esclarecer sobre a política em geral, principalmente aquela de seu tempo. A historiografia é um exercício crítico: o historiador se questiona sobre o significado dos eventos para de lá tirar lições, estar atento, ser prudente e crítico.

O autor grego Tucídides influenciou diretamente Salústio. Segundo Gaillard e Martin (1981), esses dois autores possuem um parentesco intelectual, onde o segundo reencontra a forma de composição, os pontos de vista, os julgamentos e o estilo do primeiro. Salústio opta por narrar, em suas obras, eventos dramáticos, explorando crises capitais na evolução da *res publica*. Com isso, revoluciona “a escrita da história latina” com a *Conjuração de Catilina*, a *Guerra de Jugurta* e fragmentos das *Historiae*, já que é o melhor representante da monografia histórica, como afirma Silveira (2008, p. 1): “o homem, o político e o historiador [Salústio] se encontram no literato [...] para se dedicar tão somente a um novo gênero: a monografia histórica ou narrativa historiográfica, cujos princípios Cícero já havia delineado anos antes”.

Como foi dito acima, a história não tem que ser de todo “verdadeira”. Autores como Mendonça e Ambrosio acreditam no texto de Salústio como obra de *historia*: em seus textos, “acontecimentos e palavras se consubstanciam para produzir a História” (Mendonça *apud* Silveira, 2003, p. 18). “(Salústio)... de modo, pode-se dizer ciceroniano, dará uma voz digna a esse gênero (*historia*)” (Ambrosio, 2002, p. 30). Conforme Gaillard e Martin (1981), Salústio é, com efeito, o historiador do que Syme chama de “evolução romana”. Para este, o mal se instaurara em Roma e acabou provocando sua decadência política e moral. Segundo Syme (1964), Salústio estava preocupado com tudo que envolvia o declínio e a queda, com o fim de um período na história de Roma¹⁹, i.e. com a República.

Em *De coniuratione Catilinae*, primeira monografia de Salústio, o autor mostra os perigos aos quais a República estava sujeita – perigos inauditos, mas que não eram atribuídos somente à loucura de um indivíduo, como pretendia Cícero: só a desordem política e moral de Roma, naqueles tempos, permitiram tal gravidade, e Salústio percebeu um sinal do tempo. Não é de espantar que o historiador optasse por escrever primeiro essa narrativa de uma crise próxima, da

¹⁹ “The author is preoccupied all through with decline and fall, with the end of an epoch in Roman history” (Syme, 1964, p. 64).

qual ele fora contemporâneo e onde aparecem, sob uma ótica mais próxima, os personagens-chave da vida política: César, Catão, Cícero, em tempo no qual Salústio estava engajado. Procurando a ruptura histórica, a partir da qual Roma se afunda na luta de facções, o autor foi conduzido a se interessar pelo confronto entre nobres e o fundador do partido – ou da tradição – popular. Salústio justifica sua escolha do tópico “conjuração” em *De Con.* 4.4, onde ele iria tratar de *sceleris atque periculi novitate* “sobre uma novidade de crime e perigo”.

Na *Conjuração*, Salústio não se priva do prefácio e das digressões. Seu principal mérito foi o de procurar as causas objetivas e reais do mal político do Estado, que não era fruto do acaso. Ele não hesitava nos recuos nem titubeava ao interromper sua narração para evocar os primeiros séculos de Roma, ou ainda as condições políticas e sociais dentro das quais se instala em Roma uma luta de partidos. Encontramos digressões nos capítulos 5, 8 até 13, onde o autor interrompe a narrativa para justificar as causas da degradação das instituições romanas. É através da decadência por que passa Roma que o autor vai delineando os fatos que levaram à conjuração: a corrupção, os escândalos, a luxúria, os crimes, a crise de Roma que desencadeou a conspiração. Segundo Silveira (2008, p. 1), esta seria “uma obra que... [era] ao mesmo tempo verídica e agradável, uma espécie de episódio histórico dramatizado e colorido pelas digressões, retratos e discursos”.

No prólogo – como se vê nos trechos a seguir –, o historiador apresenta brevemente a teoria platônica que sustenta seu discurso: *animus x corpus*, ou seja, os males (de Roma) existem como vícios do corpo contra o espírito, a *uirtus* romana. A falta de *uirtus* de Catilina é a causa dos desastres provocados por ele à república e a historiografia de Salústio mostra a falta de virtude e de moral dessa personalidade:

[1.1] *Omnis homines, qui sese student praestare ceteris animalibus, summa ope niti decet, ne vitam silentio transeant veluti pecora, quae natura prona atque ventri oboedientia finxit. [2] Sed nostra omnis vis in animo et corpore sita est: animi imperio, corporis servitio magis utimur; alterum nobis cum dis, alterum cum beluis commune est. [3] Quo mihi rectius videtur ingeni quam virium opibus gloriam quaerere et, quoniam vita ipsa, qua fruimur, brevis est, memoriam nostri quam maxime longam efficere. [4] Nam divitiarum et formae gloria fluxa atque fragilis est, virtus clara aeternaque habetur (...)* (*De con. Cat.* 1).

[1.1] A todos os homens que anseiam por estar à frente dos outros animais, convém se empenhar ao extremo para não passar a vida em silêncio como o gado, que a natureza

moldou inclinado e obediente ao ventre. [2] Mas, toda a nossa força está situada na mente e no corpo: a alma é usada para mandar, o corpo para servir; um nos aproxima dos deuses, o outro, das bestas. [3] Por isso, parece-me mais razoável buscar a glória através do intelecto do que da força, e, como a vida de que gozamos é breve, fazer com que a nossa memória dure o maior tempo possível. [4] Pois a glória da riqueza e da beleza é transitória e frágil; a virtude se mantém ilustre e imortal²⁰.

Na obra, apresenta-se o personagem principal da história, Catilina, em forma de um retrato. Estes, como outras formas de digressão, são feitos a fim de se concretizarem os pressupostos morais e teóricos do prólogo. O retrato de Catilina feito por Salústio é o exemplo da ausência de *uirtus*; já os de César e Catão são os casos exemplares, contrários àquele. Os retratos são uma forma de apresentar os personagens e característica da monografia histórica:

[5.1] *L. Catilina, nobili genere natus, fuit magna vi et animi et corporis, sed ingenio malo pravoque. [2] Huic ab adulescentia bella intestina, caedes, rapinae, discordia civilis grata fuere ibique iuventutem suam exercuit. [3] Corpus patiens inediae, algoris, vigiliae supra quam quoiquam credibile est. [4] Animus audax, subdolus, varius, quoui rei lubet simulator ac dissimulator, alieni appetens, sui profusus, ardens in cupiditatibus; satis eloquentiae, sapientiae parum. [5] Vastus animus immoderata, incredibilia, nimis alta semper cupiebat. (De con. Cat. 5.1-4).*

[5.1] Lúcio Catilina, homem de origem nobre, tinha grande força física e intelectual, mas uma natureza má e corrupta. [2] Desde a adolescência, agradavam-lhe as guerras intestinas, os assassinatos, as rapinas, as discórdias de cidadãos; foi nesse cenário que passou sua juventude. [3] Seu corpo suportava a fome, o frio, as vigílias, mais do que qualquer um pudesse acreditar. [4] De espírito audacioso, dissimulado, variado, era capaz de fingir e dissimular o que quisesse; desejava os bens alheios, desperdiçava os seus, ardia em paixão; era de muita eloquência, de pouca sabedoria. [5] Seu espírito estava sempre cobiçando o descomedido, o extraordinário e aquilo que era muitíssimo elevado.

“(…) [53.6] *Sed memoria mea ingenti virtute, divorsis moribus fuere viri duo, M. Cato et C. Caesar*” (De con. Cat. 53.6).

Lembro-me de dois homens de grande virtude, porém de caracteres diferentes; [eram] Marco Catão e Gaio César.

[54.1] *Igitur iis genus, aetas, eloquentia prope aequalia fuere, magnitudo animi par, item gloria, sed alia alii. [2] Caesar beneficiis ac munificentia magnus habebatur, integritate vitae Cato. Ille mansuetudine et misericordia clarus factus, huic severitas dignitatem addiderat. [3] Caesar dando, sublevando, ignoscendo, Cato nihil largiundo gloriam adeptus est. In altero miseris perfugium erat, in altero malis perniciēs. Illius facilitas, huius constantia laudabatur. [4] Postremo Caesar in animum induxerat laborare,*

²⁰ Todas as traduções que seguem são nossas.

vigilare; negotiis amicorum intentus sua neglegere, nihil denegare, quod dono dignum esset; sibi magnum imperium, exercitum, bellum novum exoptabat, ubi virtus enitescere posset. [5] At Catoni studium modestiae, decoris, sed maxime severitatis erat; [6] non divitiis cum divite neque factione cum factioso, sed cum strenuo virtute, cum modesto pudore, cum innocente abstinentia certabat; esse quam videri bonus malebat: ita, quo minus petebat gloriam, eo magis illum sequebatur (De con. Cat. 54).

Portanto, o nascimento, a idade, a eloquência deles eram semelhantes, assim como a grandeza de alma; do mesmo modo a glória, porém diferente um do outro. [2] César era considerado grande pela generosidade e munificência; Catão pela integridade de sua vida. Aquele era reconhecido pela sua gentileza e misericórdia; a severidade deu dignidade a este. [3] César se consagrou por doar, ajudar e perdoar; Catão por não conceder nada. Naquele, havia refúgio para os infelizes; neste, destruição para os [homens] maus. Daquele, a boa natureza era admirada; deste, a firmeza. [4] Por fim, César aplicou seu espírito ao trabalho e à vigília; determinado nos negócios dos amigos, negligenciava os seus; não negava nada que lhe parecesse digno de aceitação; para ele, desejava um grande poder, um exército e uma nova guerra, onde sua virtude pudesse ser mostrada. [5] Mas a ambição para Catão era da modéstia, do decoro e acima de tudo, da austeridade; [6] não competia em riqueza com o rico, nem em partidarismo com o subversivo, mas em coragem com o corajoso, em simplicidade com o modesto, em abstinência com o moderado; desejava mais ser bom do que parecer: assim, quanto menos desejava a popularidade, mais ela o perseguia.

Percebemos que a caracterização de Catilina é tratada em Salústio, porém omitida em Cícero (que o trata puramente como vilão). Catilina, segundo Silveira (2008, p. 2), é:

um híbrido de herói e bandido, cuja inteligência, força e determinação foram direcionadas para o crime, não somente, mas também, como consequência da crise das instituições políticas em que já se encontrava a sociedade romana. Os contrastes na personalidade, expressos pelas mais variadas e bem elaboradas antíteses, caracterizam as duas grandes personagens da obra: Catilina e Roma.

Alguns aspectos diferenciam a monografia histórica antiga da historiografia moderna: os aspectos artísticos do texto, a dramaticidade da narração, a organização dos fatos, os discursos, entre outros. Os discursos são “trechos em estilo direto atribuídos às personagens da narrativa” (Neto, 2008, p. 1), sendo que a organização das falas dependerá do *ingenium* do historiógrafo. Devemos lembrar mais uma vez que “importa à narrativa que os discursos sejam verossímeis, tenham credibilidade (*fides*)”, uma vez que “a verossimilhança do discurso depende da adequação ao caráter, ao discurso real ou desejado da personagem”. Por isso, Salústio coloca os discursos de César e de Catão (*De con. Cat.* 51, 52) de acordo com a personalidade da personagem, mantendo a *fides*. César será clemente, conforme o autor da *Conjuração* desenhar seu personagem, porém

sem deixar de lado a adequação à pessoa que foi César; do mesmo modo que a fala de Catão Uticense será dura, para imitar seu antepassado, Catão, o Censor:

[50.5] *Sed Caesar, ubi ad eum ventum est, rogatus sententiam a consule huiusce modi verba locutus est (...) (De con. Cat. 50.5).*

Mas César, quando chegou sua vez, disse as seguintes palavras, depois de o cônsul lhe pedir a sentença (...).

[51.1] *“Omnis homines, patres conscripti, qui de rebus dubiis consultant, ab odio, amicitia, ira atque misericordia vacuos esse decet. [2] Haud facile animus verum providet, ubi illa officiunt, neque quisquam omnium lubidini simul et usui paruit. [3] Ubi intenderis ingenium, valet; si lubido possidet, ea dominatur, animus nihil valet. [4] Magna mihi copia est memorandi, patres conscripti, quae reges atque populi ira aut misericordia impulsu male consuluerint. Sed ea malo dicere, quae maiores nostri contra lubidinem animi sui recte atque ordine fecere” (De con. Cat. 51.1-4).*

“Todos os homens, senadores, que decidem sobre assuntos duvidosos, não devem ser influenciados pelo ódio, pela amizade, ira e misericórdia. [2] A mente, quando tais sentimentos obstruem sua visão crítica, não pode, facilmente, ver o que é certo; nem ninguém pode servir, ao mesmo tempo, à sua paixão e ao seu interesse. [3] Quando a mente é exercitada livremente, a razão perdura; se a paixão se apodera daquela, torna-se sua tirana, e a razão se torna impotente. [4] Poderia mencionar facilmente, senadores, vários exemplos de reis e nações que, inclinando-se por ressentimento ou compaixão, tomaram decisões erradas. Mas prefiro falar dos casos onde nossos antepassados agiram com sabedoria e coerência, e foram contra os impulsos da paixão”.

[52.1] *Postquam Caesar dicendi finem fecit, ceteri verbo alius alii varie adsentiebantur. At M. Porcius Cato rogatus sententiam huiusce modi orationem habuit: [2] “Longe alia mihi mens est, patres conscripti, cum res atque pericula nostra considero et cum sententias nonnullorum ipse mecum reputo. [3] Illi mihi disseruisse videntur de poena eorum, qui patriae, parentibus, aris atque focus suis bellum paravere; res autem monet cavere ab illis magis quam, quid in illos statuamus, consultare. [4] Nam cetera maleficia tum persequare, ubi facta sunt; hoc, nisi provideris, ne accadat, ubi evenit, frustra iudicia inploros: capta urbe nihil fit reliqui victis” (De con. Cat. 52.1-4).*

[52.1] Quando César terminou seu discurso, o restante manifestou seu consentimento, alguns a um orador, outros ao outro. Mas Marco Pórcio Catão, quando perguntado sobre sua sentença, fez um discurso do seguinte modo: [2] “Meu ponto de vista, senadores, é extremamente diferente quando considero nossas circunstâncias e perigos, e quando examino os sentimentos de alguns que se pronunciaram antes de mim. [3] Parece-me que aqueles oradores pensaram somente em como punir os traidores que fizeram guerra contra o país, os pais, os altares e os lares deles, mas a questão nos alerta mais a nos proteger deles do que decidir que castigo lhes dar. [4] Pois os outros crimes são combatidos quando praticados; este; se não se previne que não aconteça, quando acontecer, apelar à justiça será em vão: quando a cidade estiver tomada, os vencidos não terão mais poder”.

O episódio (conjuração), matéria da narrativa histórica, foi explorado segundo um ponto de vista diferente daquele apresentado por Cícero em seus discursos (no caso, as *Catilinárias*). Cícero e Catilina são os personagens dessa história, misturam-se em meio a fatos, e até o próprio Cícero tem um papel secundário na obra de Salústio. O protagonista, portanto, parece ser mesmo Roma.

Uma forte característica do texto salustiano é a despreocupação com os fatos cronológicos, uma vez que Salústio se interessa pela progressão da história, pela significação dialética dos acontecimentos; o acaso – *fortuna, casus* – não explica os acontecimentos, mesmo os incidentes. Sabemos, pela “definição” acima dada, que essa é uma característica daquilo que Cícero desejava que Luceio fizesse com sua história. A conjuração nos é apresentada seguindo uma ótica de causa e efeito, em que vão surgindo vários encadeamentos de fatos que convergirão na crise maior.

Segundo Silveira (2008, p. 2), Salústio, enquanto historiador e narrador da conjuração, opina sobre os acontecimentos que narra, apresenta várias versões do mesmo fato (como o faz na *Conjuração de Catilina*, expondo seu próprio ponto de vista e o de Cícero), omitindo sempre suas fontes:

Salústio se apresenta mesmo como historiador objetivo, que busca apresentar inclusive várias versões de determinado evento, conforme as diferentes fontes às quais recorreu, mas que se coloca freqüentemente como árbitro (“*mihi uidetur*”), elegendo a que julga mais verossímil, imbuído da autoridade que o ofício lhe confere (“*sicuti ego aestumo*”) e apoiado na confiança que espera do leitor, pois, à moda de Tucídides, raramente indica suas fontes, preferindo encerrá-las em fórmulas e expressões como *sicuti ego accepi, dicitur* ou *scio fuisse nonnullos qui ita existumarent* (...) (Sal. 16), e garantir a supremacia de sua versão com um “*ego audiui*” mais contundente ainda que o tradicional “*mihi uidetur*”, pois reforça o caráter testemunhal de sua narrativa.

Conte (1999) afirma que, inspirado nos estilos de Tucídides e Catão, o Censor, Salústio inaugurou um estilo baseado na *inconcinnitas* – o oposto da busca ciceroniana pela harmonia das partes; a rejeição de um discurso amplo, regular e balanceado – e no uso frequente de antíteses e variações de construções (de sentenças, períodos). O difícil equilíbrio entre esse agitado

dinamismo e um movimento vigoroso para freá-lo produz um efeito austero, de majestosa *grauitas*, uma imagem de um pensamento deliberado²¹.

A a frase salustiana obedece a uma estética que não é nada ciceroniana. Ao praticar a *breuitas*, Salústio não procura a frieza, mas a expressividade. Seu trabalho estilístico, neste caso, busca a unidade da frase, seu equilíbrio, sua ruptura, diferentemente do *orator*, técnico da abundância e da amplificação, para quem a unidade estilística do discurso se situa no nível do desenvolvimento ou da frase complexa que a encerra em seus enredos. No sentido contrário, o sucesso das pesquisas estilísticas de Salústio está no uso da *sententia*, que balanceia, apresenta uma conclusão moral e política, poucas palavras e muito senso (moral). Achard (1995, p. 24) afirma que o estilo salustiano é denso, breve, jogava com simetria e assimetria – brevidade obtida pelos infinitivos descritivos (20.7; 51.9, etc), pelas *sententiae* (51.11,13,15; 52.4; 58.2,17), pelas frases nominais e pelos assíndetos; a simetria devido às antíteses (20.2; 51.12,13, etc) e às conhecidas aliterações (20.7,10; 51.5,6; 52.11, etc); a assimetria graças aos quiasmos e a uma grande diversidade de digressões (20.8; 58.1).

O seu tom arcaizante contribui para a sua *grauitas*. Porém, Conte (1999) deixa claro que o arcaísmo não está presente somente no “uso de palavras obsoletas”, marcadas pela dignidade do “antigo”, “velho”, mas também pela tendência à série de frases paratáticas. Os pensamentos estão justapostos um ao outro; os períodos subordinados são evitados; as estruturas balanceadas e o ritmo que desenvolvem um discurso também são evitados; a economia de expressões – assíndeto e elipse de verbos auxiliares – é extrema, mas acredita-se no efeito intensificador dessa forma de construção de períodos. A aliteração oferece uma cor “arcaica”, mas também fortalece o significado das palavras. Resumidamente, temos um estilo arcaico, porém original, no qual seu movimento de quebra é completamente contrário ao convencional e seu vocabulário e sintaxe correm em direção contrária à padronização, que vinha sendo estabelecida na linguagem literária: “Quando Cícero baseia o classicismo na eliminação dos *obsoleta uerba*, Salústio se vê acusado de “roubar as palavras” de Catão, o Velho, e de espalhar por seus escritos o exotismo linguístico

²¹ “Thoughts cut short and brusque interruptions and a concision that is nearly obscurity” (Conte, 1999, p. 242). “Os pensamentos se dividem entre interrupções curtas, bruscas e concisas que tendem à obscuridade” (trad. nossa).

de um vocabulário em desuso”²². Syme (1964) aponta a complexidade que seu texto apresenta e critica seu modo de composição²³.

Para finalizar, diremos que Salústio surpreende com seu estilo inovador e sua linguagem arcaica. Por isso, o título de *nouator uerborum*, segundo Gaillard e Martin (1981). No julgamento de Marcial, Sêneca, o Retórico, e sobretudo de Tácito, Salústio é o mestre do estilo histórico. Sua obra se impõe como um monumento sólido sem ser austero. Ele não se esquece nem da profundidade nem da beleza; desse modo, não saberemos privilegiar o pensador em detrimento do artista, o historiador do historiógrafo. Ele explorou um gênero literário, adaptando-o à sua personalidade intelectual e artística e, assim, conjurou suas infelicidades políticas na sua posteridade literária, escrevendo duas obras históricas tão ricas. Conforme Achard (1995, p. 94),

Salústio alcança então uma perfeita síntese... entre o que pode ser chamado atores de história e sua própria obra. Assim, resolve brilhantemente umas das maiores dificuldades do historiador antigo: refazer um discurso que seja provável, mas que, simultaneamente, insira-se naturalmente na obra, sem enfeia-la²⁴.

O *ingenium* de Cícero como *orator* das *Catilinárias* e a obra de Salústio: um confronto

Passemos agora à análise das *Catilinárias*. Porém, antes de discorrermos sobre o gênero literário dessa obra, falaremos da formação intelectual de Cícero, das condições históricas para o desenvolvimento de sua eloquência.

A partir da primeira metade do século I a.C., a sucessão de acontecimentos e crises em Roma influencia diretamente no desenvolvimento da eloquência pela classe intelectual, uma vez que ela seria a forma de pôr à vista opiniões sobre aqueles tempos agitados.

²² “A l’heure où Cicéron fonde son classicisme sur l’élimination des *obsoleta uerba*, Salluste se voit accusé d’aller “voler des mots” à Caton l’Ancien, et de colporter dans ses écrits l’exotisme linguistique d’un vocabulaire désuet” (Gaillard e Martin, 1981, p. 122).

²³ “The structure is complicated. The author has refused to write a biography or reproduce a portion of Roman annals, from 66 to 63. Disdaining the easy way, he wrecks the narrative order and he brings in digressions” (Syme, 1964, p. 67) – “A estrutura é complicada. O autor se recusou a escrever biografia ou reproduzir uma porção de anais romanos, de 66 a 63. Desdenhando o caminho mais fácil, ele destrói a ordem da narrativa e apresenta digressões”.

²⁴ “Salluste réussit ainsi une parfaite synthèse... entre ce qu’ont pu dire les acteurs de l’histoire et sa propre œuvre. Il résout de ce fait magistralement l’une des difficultés majeures pour l’historien ancien: refaire un discours qui soit vraisemblable, mais qui, simultanément, s’insère tout naturellement dans l’œuvre, sans la déparer”.

Como sabemos, o sucesso público em Roma não dependia apenas do nascimento em berço tradicional, mas também da cultura e do talento individuais. O aprendizado quase sistemático da eloquência ficava por conta dos jovens de boa situação social. Lúcio Plúcio Galo abre a primeira escola de retórica latina e esse tipo de escola acaba proliferando. A formação do jovem orador se dá com sua ida à Grécia. Esse jovem poderia fazer algo parecido a um estágio com os gregos mais reputados; se fosse mais afortunado, iria a Atenas, a Rodes ou à Ásia Menor; se fosse menos, à Sicília, a Marselha ou a qualquer lugar onde se falasse grego.

A procura por escolas tão distantes ajudou na evolução do gênero (eloquência). Segundo Gaillard e Martin (1981), cada escola cultivava um estilo próprio: a escola ática, que tomava como modelos os oradores de Atenas, preconizava um estilo sóbrio e seco, sem ênfase, “à la Voltaire”; a escola asiática ou asianista, que criticava os oradores da Ásia Menor, recomendava, ao contrário, uma eloquência abundante e florida, no limite do “barroco”; entre elas, estava a escola de Rodes, da qual Cícero era o discípulo mais elevado, que adotava uma posição de equilíbrio e criticava a primeira (escola) por ser seca demais, e a segunda por não ser o bastante. A elas se acrescentava uma formação propriamente latina, que vem “colorir” esses diferentes estilos. Enfim, aos modelos gregos de Demóstenes, Lísias, Ésquines se combinam os modelos latinos, advogados e oradores de renome que os aprendizes irão ouvir em suas defesas e discursos. A eloquência permite, então, o cruzamento da vida intelectual e política. O primeiro século a.C. será sua era de ouro, sobretudo com Cícero.

De acordo com Gaillard e Martin (1981), o maior trunfo de Cícero é seu talento de orador. Ele é o autor, por excelência, da antiguidade humanista, símbolo da literatura latina cujos escritos sobreviveram ao longo dos tempos, o homem eloquente, o criador da linguagem filosófica latina, o político desajeitado, o teorizador do discurso que moraliza a eloquência, o correspondente testemunhando suas ilusões, seus erros, suas esperanças; todos esses perfis demonstram as necessidades de seu século. A eloquência não só lhe concedeu a possibilidade da ação política, mas também os meios de afirmar, por meio da escrita, o esplendor da personalidade romana. Cícero estava no auge de sua carreira quando proferiu as *Catilinárias*.

Conforme Fortes (2010), Cícero “(...) consolidou, em meados do século I a.C., um novo gênero literário em Roma – a Oratória” (p. 62). Segundo Cape Jr. (2002), a oratória era uma forma de equilibrar os interesses do senado, da classe dos *equites* e do povo, forçando-os a

discutir seus interesses, manifestar opiniões e negociar diferenças diante de um público. Ela tinha sido, portanto, o veículo de reconciliação em Roma. Cícero publicou seus discursos por aproximadamente vinte anos como uma forma de não ser esquecido, de ser imortalizado:

A oratória era o recurso natural que reconciliava esses interesses (balancear os competitivos interesses políticos e econômicos do senado, dos cavaleiros [*equites*] e do povo [*populus*]), pois o discurso público no fórum e no senado obrigava os partidos a discutir suas posições de acordo com valores comumente aceitos e negociar suas diferenças na presença de uma plateia. A oratória fora o meio tradicional de reconciliação pública entre facções rivais em Roma; no entanto, os discursos eram em si mesmos efêmeros, seus argumentos sujeitos às vicissitudes da memória. Como fizera por aproximadamente vinte anos, Cícero publicou seus discursos para assegurar-se de que estes e ele não fossem esquecidos²⁵.

Cícero, com o pensamento político e a eloquência amadurecidos, profere as *Catilinárias*, discursos nos quais, em vez de acusar ou defender um indivíduo (como era comum em seus discursos), denuncia uma conjuração que coloca o Estado em perigo. O orador não estava somente frente ao senado ou ao povo; o advogado da República, o homem que detinha o poder, neste caso, decidiu exercê-lo através da palavra, escolha política fundamental. Seus grandes feitos são notados por ele mesmo neste verso (*apud* Gaillard e Martin, 1981, p. 183): “*Cedant arma togae, concedat laurea laudi*²⁶!” (Cícero, *De officiis* 1.77; *De consulatu suo*, fragmento 6).

A toga, aqui, simbolizaria o orador, o defensor civil da República, enquanto a segunda parte do verso sugere que uma vitória conquistada sem recurso às armas valeria todos os triunfos dos generais. De fato, em quatro discursos, Cícero revela a conjuração, obriga Catilina a deixar Roma, desmontando sua organização: uma breve expedição militar será suficiente para esmagar as tropas rebeldes em Pistoia. Ao lermos os quatro discursos, não devemos esquecer que aqueles são textos publicados três anos depois que Cícero os proferiu. Com isso, Cícero conseguiu corrigir possíveis erros e fazer dos discursos verdadeiros atos dramáticos.

²⁵ “Oratory was the natural means to reconcile these interests [balance the competing political and economic interests of the Senate, equites, and the populus], for public speech in the forum and Senate compelled the parties to argue their positions according to commonly accepted values and negotiate their differences in the presence of an audience. Oratory had been the traditional vehicle for publicly reconciling competing factions at Rome; speeches themselves, however, were ephemeral, their arguments subject to the vicissitudes of memory. As he had done for nearly twenty years, Cicero published his speeches to ensure that they—and he—would not be forgotten (...)” (Cape Jr., 2002, p. 113-114).

²⁶ “Que as armas cedam à toga, que o louro ceda à glória!” (trad. nossa).

As *Catilinárias*, por serem discursos consulares, apresentam um desafio único de interpretação, pois houve preocupação da parte de Cícero em pensar neles (os quatro discursos da obra) não apenas individualmente, mas em seu conjunto, uma vez que buscava sua representação como um político sério.

Mas os discursos consulares apresentam um desafio único de interpretação, porque Cícero se inquietou, tempos depois, com o fato de que aqueles poderiam ser lidos não individualmente, mas em grupos coerentes. No caso desses discursos, Cícero estava claramente pensando além do nível individual do discurso; pensava na potencialidade de uma coleção [de discursos] que o revelava como um político sério. A seleção de um grupo de discursos que representassem uma imagem coerente do autor como político era um acontecimento único²⁷.

Os discursos consulares formam um *corpus*, do qual as *Catilinárias* são o último. É importante lembrar que, como os outros discursos de sua época de cônsul, as *Catilinárias*, mais especificamente a primeira, exibem uma “crise de legitimidade”, já que era Cícero um *homo nouus* que apresentava provas contra Catilina. Além da falta de evidência direta contra este, havia a falta de credibilidade de Cícero, por isso a falta de *auctoritas* de Cícero para se impor diante do senado.

Graças à consciência política de Cícero e às suas habilidades de orador, a oratória ciceroniana terá certas características como engajamento político: “(...) nunca é tarde lembrar que o caráter pragmático da oratória romana – constantemente engajada em questões cívicas e sociais – configura-se-lhe uma propriedade já presente desde as origens mais remotas do gênero²⁸” (Fortes, 2010, p. 63).

Além do engajamento, essa oratória tinha uma elaboração artística, onde a palavra era usada para atingir certo objetivo. É a partir daí que a oratória deixa de ser somente um gênero forense; torna-se um gênero artístico.

²⁷ “But the consular orations present a unique challenge for interpretation because Cicero was later concerned that they be read not individually but as a coherent group. In the case of these speeches, Cicero was clearly thinking beyond the level of the individual speech to the potential of a collection that represented him as a serious politician. The selection of a group of speeches to present a coherent image of the author as a politician was a unique event” (Cape Jr., 2002, p. 114).

²⁸ Muito tempo antes, ainda no ano 450 a.C., houve um exemplo do uso da oratória. Segundo Barthes (1975 *apud* Fortes, 2010, p. 63), “a gênese dos discursos persuasivos remontam a uma questão essencialmente prática: uma disputa de terras na Sicília, quando, em aproximadamente 450 a.C., a ação de dois tiranos da Sicília que, expropriando a terra e redividindo-a com mercenários, provocou forte reação contrária da população, o que gerou a eclosão de variados processos, mobilizando jûris nos quais a habilidade da eloquência e da persuasão eram essenciais. Dessa primeira necessidade surgiam as técnicas que dariam corpo, séculos depois, à Retórica.”

A primeira definição de retórica como “arte” é de Aristóteles. Cícero é herdeiro dessa teorização, porém, a reinterpreta para o fórum romano:

Diferente de Aristóteles, mesmo no intento educativo de codificar o fruto de suas investigações em Retórica para a aplicação prática de seus discípulos, Cícero não apenas teoriza, mas exemplifica a prática de seus postulados em seus próprios discursos (...) (Fortes, 2010, p. 64).

De acordo com a preceitística retórica, há diferentes tipos, gêneros (*genera*) de discursos que dependem do objetivo, assunto e público a quem são dirigidos. Esses *genera* são: judiciário (*genus iudiciale*), deliberativo (*genus deliberativum*) e epidítico²⁹ (*genus demonstrativum aut laudativum*).

Sabemos, como posto acima, que as *Catilinárias* de Cícero se encaixam no gênero literário do tipo oratório, mas também pode ser classificado como epidítico³⁰. As características desse gênero se resumem a poder ser proferido em muitas ocasiões, sendo seu público também misto. Se o gênero judiciário se concentra no passado e o deliberativo no futuro, a ênfase do epidítico é o presente, alternativa para elogiar ou denunciar/acusar algo ou alguém. A parte mais importante desse discurso consiste na descrição da pessoa ou objeto.

Como dissemos acima, Cícero é o grande nome da eloquência. É através de seus textos que temos acesso à literatura do mais alto padrão e aos acontecimentos do século I a.C. Sendo mestre da oratória, Cícero nos deixou discursos como as *Catilinárias*, forte representante da eloquência que o orador, advogado e filósofo nos apresenta com maestria. Salústio, enquanto historiador, possibilita que tenhamos acesso a obras com um estilo próprio, diferente do ciceroniano, porém não menos elaborado.

Vimos também que a história que conhecemos hoje, ou seja, a ciência que estuda não só o passado, mas o presente, possui uma definição complexa se vista no século I a.C. Tivemos de trabalhar com as obras de olhos naquele tempo, procurando evitar preconceitos e formular hipóteses que serviriam para a abordagem de textos modernos. A dificuldade em definir história e o que é um texto histórico o comprova.

²⁹ Suas funções são, respectivamente: discurso proferido por um advogado em uma corte, cujo objetivo principal é determinar aquilo que é legal e ilegal; dito diante de uma assembleia com objetivo de debater; o último é pronunciado em vários tipos de ocasiões, e sua função é elogiar ou denunciar alguém.

³⁰ A quarta catilinária é pronunciada no senado e Cícero incita os senadores a decidir a sorte dos cúmplices de Catilina. É, portanto, um discurso deliberativo.

Salústio é mal interpretado à luz da historiografia do século XIX e XX, que via Cícero e seus discursos como modelos a serem seguidos. Para os historiadores modernos, a história deveria ser objetiva e tratar dos fatos. Como lembram Funari e Garraffoni (2007, p.68): “Grandes estudos sobre a sociedade romana se definiram e se constituíram a partir do olhar positivista (...); a narração do fato ocupou um lugar central na atividade dos historiadores (...)” Por isso, há críticas ao forte caráter emotivo nos relatos salustianos, que não apresentavam dados objetivos que pudessem ser comprovados – Salústio nos apresenta uma narrativa poética sem se preocupar com a ordem cronológica dos fatos.

Chiappetta (1996) acredita que Salústio tenha sido um dos primeiros latinos a tentar concretizar o modelo de gênero histórico defendido por Cícero (e aqui demonstrado), abandonando, desse modo, a escrita dos Anais. Segundo a autora, é comum que Salústio apareça nos manuais de Literatura Latina como um literato e não como um historiador. Isto se dá porque em seu texto não se apresentam fontes, existem erros de cronologia e alguns diálogos são obras de ficção. Críticos modernos como Roman (1924)³¹ acredita que a principal característica de um historiador seria ver os acontecimentos do alto e prever o futuro – o que Salústio não cumpriu. Paratore (1987) sustenta que os prologos de suas duas monografias foram interpretados como tratados de moral, tendo ele sido lido e admirado na Idade Média. Büchner (1962) acreditava que “o chamado Renascimento fez de Salústio um escritor tendencioso, porque não perdoou o fato de o autor ter passado quase em silêncio pela figura de Cícero” – i.e. quase não se cita o “grandioso” Cícero em sua obra. Conforme Richard (1970 *apud* Chiappetta, 1996, p. 26-27),

os comentadores do séc. XIX e do começo do séc. XX d.C. viram em Salústio um homem que tomou parte ativa nas lutas de seu tempo, não hesitando em se encaixar nas colunas de César. Depois de 1930, a crítica passou a reconhecer nele um pensador que fez questão de se manter acima do conflito e da crise de seu tempo.

Syme (1964) afirma que Salústio olha os fatos de uma perspectiva distante e omite fatos e datas³². Chiappetta (1996) ainda afirma que, para os moldes da historiografia moderna, Salústio

³¹ Roman, Paratore, Büchner e Richard cf. Chiappetta (1996, p. 26s)

³² “Sallust is looking at them [years and facts] from a distant perspective, as characters of history, and suppressing certain facts and dates that a reader might know or could find elsewhere, if curious” (Syme, 1964, p. 70).

não seria um historiador. Defenderemos então que devemos interpretar seu texto nos moldes literários da época, que não busca apenas a verdade. A obra de Salústio nem sempre traz fatos cronológicos, apresenta discursos inventados – i.e. como Tucídides, Salústio cria discursos verossímeis, que podem ou não ter sido proferidos, mas que se baseiam em falas que ocorreram, utilizando, desse modo, a literatura para dar um cunho mais dramático à sua obra, sem deixar de lado seu crivo estético marcante – portanto, deve ser tratada conforme a preceitística retórica.

Embora os ideais positivistas tenham sido revistos, ao interpretar os textos de Salústio, a busca por fatos permaneceu, impedindo assim que se avalie melhor sua concepção de História. Sua narrativa era mais do que uma descrição de fatos: era uma verdadeira análise da sociedade romana. Salústio, portanto, afasta-se de noções modernas como “objetividade” e “neutralidade” do intelectual, mostrando que “as relações romanas não eram homogêneas, havendo diferenças de metodologia e de concepção no tratamento da memória” (Funari e Garraffoni, 2007, p. 69).

Nesta investigação, discutimos os gêneros da *Conjuração de Catilina*, caracterizada como monografia histórica, fazendo parte do gênero História, e das *Catilinárias*, descritas como uma forma oratória e inseridas no que denominamos Literatura. Defenderemos, porém, a partir daqui, que essa análise numa só direção acaba não explorando profundamente a riqueza que esses textos apresentam.

Mesmo tendo classificado as duas obras que aqui tratamos seguindo parâmetros “pré-definidos”, lembramos que tais obras não ficam presas a um só gênero, seja este o histórico ou literário. Um pode ter características do outro, e essa forma de contraste ou até sobreposição de ambos vai depender da forma como o autor pretende que seu público leia seu texto – utilizando, como é o caso, preceitos retóricos. Tanto Cícero quanto Salústio fizeram isso, o que também pode servir a explicar por que suas obras atravessaram séculos e chegaram até nós.

Após caracterizarmos as duas obras que aqui estudamos, segundo uma concepção tradicionalista, onde um texto faz parte de certo gênero se apresentar uma ou mais características deste ou daquele, tentaremos, a partir de agora, desconstruir a ideia de que os gêneros textuais são formas engessadas, i.e. uma obra considerada histórica não precisa necessariamente apresentar características apenas do gênero historiográfico, podendo conter elementos da poesia, oratória etc, e vice-versa. O que pretendemos defender aqui é que pode haver gêneros mistos, e tanto a *Conjuração de Catilina* quanto as *Catilinárias* fazem parte de um gênero misto.

Tentaremos, então, definir o que são Literatura, História e Retórica, uma vez que, a partir daí, é que poderemos demonstrar como esses gêneros estão presentes e imbricados nas obras de Salústio e Cícero.

O que são Literatura, História e Retórica?

Entendemos literatura como uma forma artisticamente elaborada de apresentar um texto, seja ele de natureza histórica, poética, ou consista, no caso, em discursos oratórios. Seu autor demonstra certo *ingenium*, empregado de modo a envolver seu leitor. Estamos, portanto, como no âmbito da pintura e outras artes, também diante do trabalho de artistas.

A História, segundo uma concepção moderna e também aristotélica, relata o acontecido, aquilo que já terminou – as *res gestae*. Para Aristóteles, como lembra Dalpian (1994, p. 83s), “os relatos históricos não tratam de uma única ação, mas de um único tempo, isto é, todos os fatos que aconteceram a um ou a vários agentes históricos nesse tempo”. Portanto, a história apresenta compilações cronológicas sem ter, a princípio, preocupações artísticas. Levando em conta o que afirma Veyne (*apud* Pereira, 1997, p. 844), porém, sobre o papel do historiador antigo, vemos que este “se apresenta como detentor incontestado de um conhecimento, o dos fatos que narra, quase nunca informando o leitor sobre como teve acesso a ele”.

Segundo Chiappetta (1996), a escrita da história está arraigada à constituição da verdade e às construções de fatos particulares. A autora ainda apresenta o pensamento de Aristóteles sobre a História: ela “seria o conhecimento de fatos particulares a partir do qual se elabora uma ciência, quando tais fatos são do tipo que se presta ao conhecimento científico, ou seja, quando dizem respeito a coisas que não poderiam ser de outro modo” (Chiappetta, 1996, p. 16).

Para Cícero, porém, o papel do historiador é *ornare* seu texto, usando de seu *ingenium* e não se preocupando apenas com a narração cronológica de fatos. A História, segundo esse autor, deixa de ser um discurso conciso, supostamente desprovido de recursos formais que sirvam a orná-lo, além de convencer e impressionar. Pereira (1997) ainda nos lembra que, para Cícero, a História é vista de forma distinta de como a entendemos na modernidade. Segundo M. H. Rocha Pereira (*apud* Pereira, 1997, p. 847), nesse mesmo sentido, Cícero apresenta um discurso histórico particular, onde a “História deve ser colocada a serviço da eloquência, que visava à

persuasão como ao embelezamento do discurso”. O autor, assim, estava mais preocupado com a forma de narrar os eventos do que propriamente com o conteúdo narrado, com os “fatos descritos” em sua obra. Há também, desse modo, uma grande preocupação com a criação de uma língua apropriada para expressar aquilo que visa o autor – dependendo do teor de sua obra –, mais do que simplesmente narrar “fatos”. Isto se deve à relação que se estabelece, no caso de uma obra de cunho histórico, entre autor e leitor quando de sua publicação.

A Retórica, para os antigos (Cícero e Aristóteles, entre eles), não possui uma definição pré-estabelecida. Ela não seria uma ciência (*episteme*), uma vez que não buscaria a verdade – mas Cícero como que defende que não há uma pré-existente, somente o verossímil. Logo, ela não pode ser demonstrada, não tendo conteúdo, mas objetivo. Podemos dizer, apenas, que é a arte ligada à persuasão. Ela possui preceitos, fundamentos e pode ser ensinada. Quem faz uso dela, utiliza a lógica (dialética), entre outras técnicas para convencer, mas também se baseia na *doxa*, na opinião. O *retor* é aquele “técnico” que põe a Retórica em prática. Tem não só domínio absoluto do assunto, mas também da forma de se apresentar ao público e deste. A Retórica só tem seu espaço quando há dúvida sobre a verdade ou esta falta, demandando o debate e a discussão, já que para ela a verdade é instável, provisória. Não existe verdade absoluta, por isso se investiga o provável. Possui três aspectos fundamentais, suportes ou técnicas utilizados pelo orador ou retórico: *ethos*, *pathos* e *logos*.

O primeiro (*ethos*) diz respeito à imagem que o orador cria de si no discurso e que ajudará, ou não, no convencimento de seus ouvintes, ou seja, é o “caráter” do orador que também definirá se o discurso será ou não bem aceito, conferindo-lhe autoridade e propriedade. O *ethos* está, portanto, ligado a um “caráter” revelado no discurso, que a ele provoca na plateia, não ao conhecimento prévio sobre o orador, segundo Aristóteles. Porém, para Cícero há, de forma clara, previamente ao discurso, um *ethos* do orador que tem seu peso, sua autoridade e, portanto, papel importante na persuasão. Devemos lembrar que não existe uma palavra exata em latim que traduza *ethos*, cuja origem é grega. O que mais se aproximaria é *mos*, i.e. algo ligado ao âmbito moral, ao caráter do enunciador ou orador.

O segundo (*pathos*) é uma forma de afecção, i.e. toda emoção ou sentimento que pode ser despertado no público. Acredita-se que as emoções não são espontâneas; elas podem ser

provocadas, despertadas e guiadas pelo orador; por isso, é um suporte indispensável na arte da persuasão.

O terceiro (*logos*) é o próprio discurso, podendo ser indutivo ou dedutivo. O orador deve considerar o conteúdo daquilo que profere, a forma como o faz, empregando todos os recursos estilísticos a seu alcance para tornar fidedigno seu discurso.

Segundo Gilbert (*apud* Maingueneau, 2008, p. 14), a retórica antiga pode ser resumida em um triângulo onde se instrui pelos argumentos (*logos*), comove-se pelas paixões (*pathos*), insinua-se pelas condutas (*ethos*). O orador deve possuir também três qualidades: *phronesis* ou prudência; *arete* ou virtude; *eunoia* ou “benevolência”.

Além de utilizar técnicas, o orador deve possuir a habilidade e o conhecimento de produzir discursos em que estejam presentes as tradicionais partes ou etapas de sua elaboração: invenção (*inuentio*), disposição (*dispositio*), elocução (*elocutio*), memória (*memoria*) e [pronunci]ação (*pronuntiatio*). Definindo-os, respectivamente, teremos: habilidade de descobrir coisas verdadeiras ou verossímeis que tornem a causa provável, ou seja, o que dizer – qual deve ser o tema do discurso; ordenação e distribuição do que se vai dizer; acomodação de palavras e sentenças adequadas à invenção; apreensão das “coisas”, palavras, sua disposição no ânimo; moderação, com encanto, de voz, semblante e gesto. Estes podem ser alcançados pela arte (*ars*), método e sistematização, e/ou por imitação (*imitatio*), sendo semelhante a outros no dizer, e pelo exercício (*exercitatio*), prática e costume de discursar.

Do mesmo modo, também como método para a *captatio benevolentiae* (i.e. conquista da boa disposição do público), o discurso deve ser organizado em partes (*orationis partis*): exórdio (*exordium*), narração (*narratio*), divisão (*diuisio*), confirmação (*confirmatio*), refutação (*confutatio* ou *refutatio*) e conclusão (*conclusio* ou *peroratio*).

No exórdio, o orador dá início ao discurso. É neste momento que o *ethos* do retórico auxilia na disposição do ânimo do ouvinte. O exórdio está dividido em duas partes: introdução (*prooemium*) e insinuação (*ephodos*) [sic]. Na narração, há uma exposição do que ocorreu ou poderia ter ocorrido. Na divisão, anunciam-se prós e contras e o que vai ser proferido. Na confirmação, há apresentação de argumentos com asseveração. Na refutação, destruição dos argumentos contrários. A conclusão é o término do discurso. Cícero utilizava nos seus discursos a

peroratio para deixar uma impressão forte no público, empregando, entre vários outros recursos, o aumento do tom de voz como técnica.

A Retórica é, assim, uma arte que confere certa técnica no que diz respeito a produzir de modo eficiente um grande conjunto possível de discursos. Assim definidos os três gêneros em pauta, tentemos agora verificar como estão presentes numa mesma obra – que pode, eventualmente, conter outros.

O “casamento” dos gêneros: Literatura, História e Retórica

Apesar de Salústio escrever o que chamamos de História, seu texto não deixa de possuir um caráter literário – e, por extensão, retórico –, uma vez que não apresenta apenas fatos e acontecimentos: ele nos conta a história “manipulando” a língua de modo a persuadir o leitor da validade de seu posicionamento político, moral e social – mas também para fugir da estilística ciceroniana, reconhecida e valorizada na época, mostrando-se em sua *elocutio* não só historiador, mas também retórico. Achard (1995, p. 21) afirma que em momento algum Salústio pretendeu apresentar o “texto original”³³, i.e. expor a conjuração assim como ocorreu – um exemplo de que aquela se tratava de uma obra literária. Chiappetta (1996, p. 26) afirma ser o texto de Salústio uma “monografia histórica retoricamente organizada”. Ora, os procedimentos retóricos igualmente utilizados por Cícero em seus discursos, por outro lado, também justificam uma aproximação entre o discurso histórico e o literário, i.e. retórico.

Chiappetta (1996, p. 15), de fato, confirma essa aproximação entre História e Retórica: “na Antigüidade Greco-Romana, a História era um gênero de discurso, assim, suas questões de *inuentio*, *dispositio* e *elocutio* eram tratadas no âmbito da Retórica”. A autora ainda defende que “o gênero [História] é explicitamente regulado por determinadas regras retóricas, formalizado por alguns modelos e, de certa forma, relacionado com os gêneros epidícticos e, até, com os discursos judiciais e deliberativos” (Chiappetta, 1996, p. 17). Portanto, a História antiga se pautava pela habilidade do autor em tornar aquela narrativa verossimilhante, onde a “busca da verdade”, como

³³ “Salluste ne prétend à aucun moment redonner le texte originel (...)”.

nos textos atuais (só pretensamente “neutros”), não acontecia, de modo que os fatos (havia um encadeamento deles) daquela *historia* se ligavam numa preceituação retórica, oratória.

Achard (1995) afirma que os discursos³⁴ ocupam um quarto da *Conjuração de Catilina*. O espaço, desse modo, dedicado às *orationes* é quase o mesmo daquele destinado às narrações ou exposições morais.

Vimos em Dalpian (1994) que, para Cícero, a historiografia depende da oratória para se estabelecer como gênero, e a arte da palavra tem de considerar os conteúdos e exemplos daquela para se fundamentar. Portanto, elas se complementam. Cícero “vê como natural a transferência de *know-how* da oratória para outras áreas da arte e da ciência. É como se todos os gêneros literários gravitassem em torno de um só: a oratória” (Dalpian, 1994, p. 67). O próprio Cícero enuncia a autoridade da oratória em relação à História e outras artes em *De oratore* II. 36-37, em formulação que consagrou uma sua concepção de História:

[36] *Historia vero testis temporum, lux veritatis, vita memoriae, magistra vitae, nuntia vetustatis, qua voce alia nisi oratoris immortalitati commendatur? Nam si qua est ars alia, quae verborum aut faciendorum aut legendorum scientiam profiteatur; aut si quisquam dicitur nisi orator formare orationem eamque variare et distinguere quasi quibusdam verborum sententiarumque insignibus: aut si via ulla nisi ab hac una arte traditur aut argumentorum aut sententiarum aut denique discriptionis atque ordinis, fateamur aut hoc, quod haec ars profiteatur, alienum esse aut cum alia aliqua arte esse commune: [37] sed si in hac una est ea ratio atque doctrina, non, si qui aliarum artium bene locuti sunt, eo minus id est huius unius proprium; sed ut orator de eis rebus, quae ceterarum artium sunt, si modo eas cognovit, ut heri Crassus dicebat, optime potest dicere, sic ceterarum artium homines ornatus illa sua dicunt, si quid ab hac arte didicerunt.*

[36] Na verdade, a História, testemunha dos tempos, luz da verdade, vida da lembrança, mestra da vida, mensageira do passado, **por meio de qual voz é confiada à imortalidade, senão com a do orador?**³⁵ Pois, se existe alguma outra arte que tira proveito do conhecimento das palavras que devem ser cunhadas ou escolhidas; ou se dizemos que alguém, além do orador, dá forma, variedade e distinção ao discurso por meio de determinadas, por assim dizer, insígnias de palavras e pensamentos; ou se há, além desta única arte, outro método de ensino dos argumentos ou pensamentos, ou, enfim, da descrição e da ordem, reconheçamos que isto de que tira proveito esta arte vem de outro domínio ou é compartilhado por alguma outra arte. [37] Porém, se tal teoria e tal doutrina encontram-se apenas nesta arte oratória, isso não será motivo para dizer que, caso alguns

³⁴ As exortações do conspirador a seus cúmplices (cap. XX); as opiniões opostas expostas no Senado por César e Catão sobre a fuga dos conspiradores; o cinco de dezembro de 63 (cap. LI, LII); o discurso inflamado do conspirador às suas tropas antes da guerra de Pistoia de cinco de janeiro de 62 (cap. LVIII).

³⁵ Tradução nossa. Grifos nossos.

representantes de outras artes falem com correção, tal característica não seja própria apenas desta; mas, tal como o orador é capaz de discursar da melhor maneira possível acerca de temas pertencentes a outras artes, com a condição, como Crasso dizia ontem, de os conhecer, do mesmo modo **os representantes das demais artes expõem aqueles temas que lhe são próprios com mais distinção se aprenderam algo desta nossa arte**³⁶.

Escrever história, assim, não é só “contar a verdade”. Cícero defende, nela, o uso do elemento artístico. Como aponta Defourny (*apud* Dalpian, 1994, p. 68s), a partir do exemplo de Cícero enquanto orador, podia-se concretizar o trabalho de fazer historiografia como ele a entendia: “narrações brilhantes, descrições ornadas, discursos que devem agradar, agir sobre a imaginação e o sentimento (...) A história é um gênero de narração *delectationis causa*” – e, por isso, ela não existe sem características comumente associadas à Literatura.

Elton (*apud* Funari, 2002, p. 19) afirma que “a narrativa histórica requer, portanto, habilidades de exposição, explicação e persuasão através do uso das palavras”. Segundo Rowse (*apud* Funari, 2002, p. 19), “a História está muito mais perto da Poesia do que, em geral, se admite”. Jakobson (*apud* White, p. 121s) defende uma análise mais profunda da obra histórica, que não se atenha apenas à “objetividade” e “veracidade”; para isso, o autor se serve da Retórica, que poderá revelar os aspectos poéticos da História, como o uso das figuras de linguagem – assim se evidenciará que estas sejam a própria medula do estilo individual do historiador. Conforme esse autor, a estilística analisa a dimensão poética tanto do discurso prosaico quanto do poético. Essa fusão (da prosa e da poesia) dentro de uma teoria geral do discurso tem consequências para a nossa compreensão do que está implícito na historiografia, por exemplo, que procura ser “objetiva” e “realista” nas suas representações, mas que, em virtude do elemento poético não reconhecido no seu discurso, oculta em si mesma sua própria subjetividade e seu caráter de ser limitada pela cultura do historiador.

A escrita histórica deve, então, ser analisada como um tipo de discurso em prosa antes que possam ser testadas as suas pretensões à objetividade e à veracidade. Isto significa submeter qualquer discurso histórico a uma análise retórica, de modo a revelar a subestrutura poética do que pretende passar por uma modesta representação em prosa da realidade. Uma análise retórica do discurso histórico reconheceria que toda história digna do nome contém em si não só certa quantidade de informação e uma explicação ou interpretação do que “significam” essas

³⁶ Trad. Scatolin, 2009, p. 201.

informações, mas também uma mensagem mais ou menos patente sobre a atitude que o leitor deveria assumir tanto diante dos dados relatados quanto de sua interpretação formal. A História seria, portanto, um “jogo de decifração”, onde o leitor se proporia tentar compreender o que o autor queria dizer em certa passagem e não somente seria favorecido com o sentido do texto escancarado à sua frente.

Conforme White (2001, p. 123), “a chave para o “sentido” de um dado discurso histórico está contida tanto na retórica da descrição do campo quanto na lógica de todo e qualquer argumento que se pode oferecer como sua explicação”. Então, entendemos que o elemento retórico seja mais importante do que o elemento lógico, pois é através da figuração que o historiador constitui o tema do discurso; sua explicação é a atribuição de qualidades ao tema. Ainda segundo aquele autor (2001, p. 124), “todos os relatos históricos são de algum modo “artísticos”. O componente artístico no discurso histórico pode ser revelado por uma análise de natureza especificamente retórica”.

Alguns autores defendem que a História, i.e. a composição da obra histórica, exige mais do que uma mera descrição de fatos (cronológicos) – é preciso utilizar-se de outras “artes”, como a poesia e a retórica, por exemplo, para se concretizar uma boa narrativa. Para Arisóteles³⁷ (*apud* Chiappetta, 1996, p. 17), tanto o ofício do poeta quanto o do historiador se aproximam, embora o filósofo grego considere a poesia um trabalho mais “filosófico” e “sério” por tratar do universal:

Com efeito, não diferem o historiador e o poeta por escreverem verso ou prosa (pois que bem poderiam ser postas em verso as obras de Heródoto, e nem por isso deixariam de ser história, se fossem em verso o que eram em prosa) – diferem, sim, em que diz um as coisas que sucederam, e outro as que poderiam suceder. Por isso a poesia é algo de mais filosófico e mais sério do que a história, pois refere aquela principalmente o universal, e esta o particular.

A oratória auxilia a história com seus recursos – conhecimento e conteúdo. O orador deve possuir *doctrina*, certa *natura*, certa *exercitatio* e a capacidade da *imitatio*. Dos dotes artísticos e do conhecimento universal, faz-se o homem mais habilitado para escrever a História, o orador. Desse modo, é imprescindível ao historiador que tenha conhecimentos oratórios. Por outro lado, é necessário ao orador que possua conhecimentos históricos para fundamentar seu discurso. “Se a

³⁷ *Poética* (1451a. 36)

formação oratória (...) habilita para os campos literários, para as ciências em geral e, em particular, para a história, esta, por sua vez, deve também constar no currículo do futuro orador” (cf. Dalpian, 1994, p. 71). Segundo Batstone (1994, p. 211), ainda:

A análise retórica e histórica deve então continuar para examinar como o orador organiza seus argumentos e usa (ou distorce) os fatos históricos que criaram a ocasião para o discurso. Como um único e persuasivo todo, o objetivo histórico do discurso é visto como uma resposta a um desafio retórico, e a análise é referida apropriadamente a esse desafio em sua particularidade histórica³⁸.

Percebemos, desse modo, uma complementação entre ambas – História e Retórica. Um orador necessita da história, dos fatos para construir seu discurso e assim o organiza utilizando preceitos retóricos.

É importante lembrar as qualidades que hoje chamaríamos de “literárias” de historiadores gregos como Heródoto e Tucídides. Isso demonstra a valorização da “historiografia artístico-literária” já no século IV a.C.

A Retórica na *Conjuração de Catilina* e nas *Catilinárias*

Podemos dizer que Salústio utiliza as técnicas fundamentais de um retórico: o recurso ao *ethos*, *pathos* e *logos*. Cria uma imagem de Catilina – mau, corrupto, audacioso, ambicioso, cabeça da conjuração contra Roma etc –, ao longo de todo o texto, o que o ajudará no convencimento de seus ouvintes. Como exemplo do *ethos* construído para Catilina, temos em *De. Con.* os parágrafos 5.1, 14.1, 18.1, 22.1, 24.2, 36.5, 52.35:

[5.1] *L. Catilina, nobili genere natus, fuit magna vi et animi et corporis, sed ingenio malo pravoque.* [2] *Huic ab adulescentia bella intestina, caedes, rapinae, discordia civilis grata fuere* ibique iuventutem suam exercuit. [3] *Corpus patiens inediae, algoris, vigiliae supra quam quoiquam credibile est.* [4] *Animus audax, subdolanus, varius, quous rei lubet simulator ac dissimulator, alieni appetens, sui profusus, ardens in cupiditatibus;*

³⁸“Rhetorical and historical analysis may then proceed to examine how the orator marshals his arguments and uses (or distorts) the historical facts that have created the occasion for the speech. As a unified and persuasive whole, the historical purpose of the speech is seen as answering a rhetorical challenge, and analysis is appropriately referred to challenge in its historical particularity”.

satis eloquentiae, sapientiae parum. [5] Vastus animus immoderata, incredibilia, nimis alta semper cupiebat.

[5.1] Lúcio Catilina, homem de origem nobre, tinha grande força física e intelectual, mas uma **natureza má e corrupta**³⁹. [2] Desde a adolescência, **agradavam-lhe as guerras intestinas, os assassinatos, as rapinas, as discórdias de cidadãos**; foi nesse cenário que passou sua juventude. [3] Seu corpo suportava a fome, o frio, as vigílias, mais do que qualquer um pudesse acreditar. [4] **Tinha o espírito audacioso, dissimulado, variado, era capaz de fingir e dissimular o que quisesse, desejando os bens alheios, desperdiçando os seus, ardia em paixão, de muita eloquência, de pouca sabedoria.** [5] Seu espírito estava **sempre cobiçando** o descomedido, o extraordinário e aquilo que era muitíssimo elevado.

[14.1] In tanta tamque corrupta civitate Catilina, id quod factu facillimum erat, omnium flagitiorum atque facinorum circum se tamquam stipatorum catervas habebat. [2-3](...) postremo omnes, quos flagitium, egestas, conscius animus exagitabat, ii Catilinae proximi familiaresque erant.

[14.1] Em cidade tão grande e tão corrupta, Catilina não teve nenhuma dificuldade em manter, ao seu redor e como guarda pessoal, toda sorte de **depravações e crimes**. [2-3] (...) enfim, todos aqueles que eram **acossados pelos escândalos, pela pobreza e má consciência, todos eles eram íntimos e familiares de Catilina**⁴⁰.

[18.1] Sed antea item coniuravere pauci contra rem publicam, in quibus Catilina fuit. [3] Post paulo Catilina pecuniarum repetundarum.

[18.1] Mas anteriormente alguns homens tinham também **conspirado contra a república**, entre os quais **Catilina**.

[22.1] humani corporis sanguinem vino permixtum in pateris circumtulisse (...).

[22.1] fez circular taças com sangue humano misturado com vinho (...).

[24.2] Neque tamen Catilinae furor minuebatur, sed in dies plura agitare: arma per Italiam locis opportunis parare, pecuniam sua aut amicorum fide sumptum mutuum Faesulas ad Manlium quendam portare, qui postea princeps fuit belli faciundi.

[24.2] Mas nem por isso era menor a **fúria** de Catilina; ao contrário, cada vez mais **urdia planos**, por toda a Itália **concentrava depósitos de armas**, enviara a Fésulas dinheiro levantado em seu próprio nome e dos amigos para um tal de Mânlio, que posteriormente deu início às **hostilidades**.

[36.5] (...) tanta vis morbi ac veluti tabes plerosque civium animos invaserat.

³⁹ Grifos e tradução nossa.

⁴⁰ Todas as traduções que seguem são do Prof. Antônio S. Mendonça (1990), cf. bibliografia.

[36.5] (...) tão **grande e profundo** era o **mal** que, como uma peste, invadia a alma da maioria da nação.

[52.35] *Catilina cum exercitu faucibus **urget**, alii intra moenia atque in sinu urbis sunt **hostes**; neque parari neque consuli quicquam potest occulte: quo magis properandum est.*

[52.35] Catilina com seu exército está prestes a nos **esganar**; outros **inimigos** estão dentro das nossas muralhas e no coração da cidade e nada podemos preparar nem decidir às ocultas, razão a mais para nos apressarmos.

Percebemos que Salústio também constrói seu *ethos* elevando o papel do historiador e enfatizando a dificuldade de tal tarefa. Podemos dizer que é “imitando” oradores como Cícero, que ressaltavam sempre em seus discursos as dificuldades daquele ofício, que Salústio se propõe *captare benevolentiam* dos leitores, no proêmio, com assertivas como “[2] *Ac mihi quidem, tametsi haudquaquam **par gloria sequitur scriptorem et auctorem rerum, tamen in primis arduum videtur res gestas scribere...***” (“Para mim, embora não seja nada igual a **glória do que escreve a história e do que a faz, parece-me particularmente árduo narrar os fatos...**”)

Segundo Achard (1995, p. 23), os discursos de César (cap. 51) e Catão (cap. 52) também devem à Retórica. Catão afirma que o patricio falou *composite* (52.13). O discurso de César é iniciado por um exórdio geral, louvando a ausência de paixão (§ 1-4), seguido pela confirmação, que consiste em lembrar que os *maiores* demonstraram moderação (§ 5-8); César ainda mostra que as pessoas responsáveis devem ignorar a cólera (§ 9-15); rejeita a pena capital (§ 16-24); prova que a ilegalidade pode se virar contra cada um (§ 25-36); exorta os senadores a imitar os ancestrais (§ 37-42). Enfim, enuncia sua *sententia*. Assim, Salústio procura dar ao discurso um tom anti-sulaniano, de acordo com a política constante do orador. O discurso de Catão não inclui mais narrações, mas uma proposição desde o começo. O primeiro argumento é sobre a necessidade de defesa dos bons (§ 3-12); logo, segue uma refutação de César (§ 13-18); em seguida, uma digressão sobre a falta de *uirtus* (§ 19-23). O último discurso de Catilina começa com uma introdução lógica: o comandante constata que o discurso não apresenta coragem, mas afirma que falará, contudo, para informar seu plano a seus homens. Tudo é ornado com *exempla* e referências ao *mos maiorum* (§ 30...). Desse modo, esses discursos pronunciados por personalidades tão diferentes possuem uma semelhança: eles são certamente catilinianos,

cesarianos, catonianos, mas também salustianos. Salústio “cria” discursos dentro de sua obra, assim como Tucídides na *Guerra do Peloponeso*, de forma a dar um “ar” literário, retórico a ela.

Parece claro que Salústio utiliza conceitos retóricos em suas obras e adapta sua linguagem àquilo que convém. Conforme Achard (1995, p. 24),

É verdade que Salústio queria, sem dúvidas, sugerir que a retórica não era tão conhecida pelos homens novos naquela época. Além disso, na *Conjuração*, a adaptação do locutor é impressionante: Salústio poderia dizer como Tucídides: “Eu também me mantenho tão fiel quanto possível à ideia do que foi realmente dito... Eu falo com todos a língua que parecer ser mais conveniente às circunstâncias⁴¹...”

É por meio de uma longa digressão pela história romana, onde houve um declínio da moral pública, que Salústio consegue construir o *ethos* de Catilina, sendo ele um produto daquela decadência, e despertar sentimentos de indignação e ódio no público (*pathos*), que acabaram por auxiliá-lo na construção de seu discurso.

O *logos* é o próprio discurso, ou seja, neste caso, a obra histórica *Conjuração de Catilina*. Salústio vai conduzindo o leitor pela história de Roma, apresentando-nos o personagem principal, Catilina, entre os caps. 5-61, “deleitando-nos” e enfurecendo-nos (quase nos indignando) com fantásticas descrições da pessoa e dos feitos de Catilina, oferecendo-nos uma conclusão sem rodeios – a morte trágica e, ao mesmo tempo, heroica daquele, descrita através de um eufemismo:

[61.1] *Sed confecto proelio tum vero cerneres, quanta audacia quantaque animi vis fuisset in exercitu Catilinae. [4] Catilina vero longe a suis inter hostium cadavera repertus est paululum etiam spirans ferociamque animi, quam habuerat vivus, in voltu retinens. (De Con. Cat. 61.4)*

Ao término do combate, aí então se podia ver de que **audácia e bravura** tinha dado prova o exército de Catilina. [4] Catilina, no entanto, distante dos seus, foi **encontrado em meio aos cadáveres** dos inimigos, ainda respirando, **conservando na fisionomia aquela ferocidade que guardara em vida**.

Salústio “arquitetou” e planejou seu discurso de forma impressionante. Conseguiu unir numa mesma obra um vocabulário arcaico e conceitos retóricos que puderam ornamentar seu

⁴¹ “Il est vrai que Salluste veut sans doute suggérer que la rhétorique n’est pas encore bien connue des hommes nouveaux à cette époque-là. De plus dans la *Conjuration de Catilina*, l’adaptation au locuteur est frappante: Salluste pourrait dire, comme Thucydide: “Je suis resté aussi fidèle que possible à la pensée générale de ce qui a été réellement dit... J’ai fait parler à chacun le langage qui paraissait convenir aux diverses circonstances...””.

texto, dando àquela monografia histórica o aspecto, por assim dizer, de obra-prima. Como compartilhador da concepção ciceroniana de *historia*, Salústio se consagrou como aquele que sabia fazê-la como *opus oratorium maxime*⁴². Ele consegue

“compor discursos de acordo com as personalidades dos locutores, mas que se fundem perfeitamente em sua narração. Implementa uma retórica que, na *Conjuração de Catilina*, conserva ainda tratados de ensinamento tradicional, mas que se afasta claramente da eloquência de seus predecessores em geral e de Cícero em particular⁴³” (Achard, 1995, p. 28).

Cícero utilizava algumas “fórmulas” retóricas em seus discursos, que poderiam melhor influenciar seus interlocutores, como as figuras de linguagem. Segundo Albrecht (2003, p. 16), “nos discursos, fatores emotivos de estilo estão mais proeminentes. Um exemplo é o uso frequente de anáforas e assíndetos, como em *In Catilinam* 2. 1⁴⁴: *abiit, excessit, euasit, erupit* (“partiu, foi embora, escapou, lançou-se para fora”) e 4.7.14: *plenum est forum, plena templa circa forum, pleni omnes aditus huius loci ac templi* (“o fórum está cheio, os templos em volta do fórum estão cheios, todas as entradas deste lugar e templo estão cheias”). As anáforas em 1.9.22: *quamquam quid loquor? te ut ulla res frangat, tu ut umquam te corrigas, tu ut ullam fugam meditare [sic], tu ut ullum exsilium cogites?* (“Mas por que estou falando? **Para que alguma** coisa te abata, **para que** um dia te endireites, **para que** tu planejes **alguma** fuga, **para que** tu cogites **algum** exílio?”) e 3.1.3: ... *quirites, ut et quanta et quam manifesta et qua ratione inuestigata et comprehensa sint uos qui ignoratis et exspectatis scire possitis* (“...cidadãos romanos, para que vós, que as ignorais e temeis, possais saber quanto e quão evidentes eram, e de que maneira foram investigadas e compreendidas”).

Percebemos outro uso da retórica nos discursos de Cícero, o emprego da prosopopeia, onde o autor apresenta repetidamente Roma como locutora/oradora e ele mesmo como o salvador da pátria. Encontramos exemplos dessa figura de linguagem nas passagens em *In Catilinam* 1.7.17–18; 1.11.27:

⁴² Cf. Cic. *De Leg.* I. 5; *De or.* II. 62

⁴³ “Salluste réussit à composer des discours conformes à la personnalité des locuteurs, mais qui se fondent parfaitement dans sa narration. Il met en œuvre une rhétorique qui, dans la *Conjuration de Catilina*, garde encore des traits de l’enseignement traditionnel, mais tranche incontestablement avec l’éloquence de ses prédécesseurs en général et de Cicéron en particulier”.

⁴⁴ “In the orations, therefore, emotional elements of style are more prominent. An example is the frequent use of anaphora and asyndeton, witness *In Catilinam* 2. 1: *abiit, excessit, euasit, erupit* ‘he has gone, left us, got away, broken out’. Todas as traduções que seguem são nossas.

[17] [...] *Nunc te patria, quae communis est parens omnium nostrum, odit ac metuit, et iamdiu nihil te iudicat nisi de parricidio suo cogitare; huius tu neque auctoritatem uerebere nec iudicium sequere nec uim pertimesces?* [18] *Quae tecum, Catilina, sic agit et quodam modo tacita loquitur: 'Nullum iam aliquot annis facinus exstitit, nisi per te; nullum flagitium sine te; tibi uni multorum ciuium neces, tibi uexatio direptioque sociorum impunita fuit ac libera; tu non solum ad neglegendas leges et quaestiones, uerum etiam ad euertendas perfringendasque ualuisti. Superiora illa, quamquam ferenda non fuerunt, tamen, ut potui, tuli; nunc uero me totam esse in metu propter unum te, quicquid increpauerit, Catilinam timeri, nullum uideri contra me consilium iniri posse, quod a tuo scelere abhorreat, non est ferendum. Quam ob rem discede atque hunc mihi timorem eripe; si est uerus, ne opprimar, sin falsus, ut tandem aliquando timere desinam.'* (In Cat. 1.7.17-18)

[17] [...] **Agora a pátria, mãe comum de todos nós, te odeia e teme, e julga** que há muito tempo tu não pensas em nada a não ser seu matricídio; tu nem respeitarás sua autoridade, nem obedecerás às suas decisões, nem temerás sua força? [18] **Ela se dirige assim a ti, ó Catilina,** e de certa maneira, **fala calada:** ‘Já faz alguns anos que não há nenhum ato criminoso, a não ser o cometido por ti; nenhuma torpeza aconteceu sem ti; só tu ficaste impune e isento das mortes de muitos cidadãos, da perseguição e da pilhagem dos aliados; tu não somente triunfaste em ignorar as leis e inquéritos, na verdade ainda aboliste-as e destruístes-as. Ainda que os fatos anteriores não devessem ser suportados, contudo, eu os tolerei como pude; agora, na verdade, que **eu esteja inteira com medo só por tua causa,** que se **tema Catilina** ao menor ruído, que não se pareça poder empreender plano algum contra mim que esteja afastado de teu crime – não se deve suportar. Por isso, parte e me livra deste temor; se isto for verdade, poderei não ser destruída, se falso, poderei enfim deixar de temer’.

[27] (...) *‘M. Tulli, quid agis? Tunc eum, quem esse hostem comperisti, quem ducem belli futurum uides, quem exspectari imperatorem in castris hostium sentis, auctorem sceleris, principem coniurationis, euocatore seruorum et ciuium perditorem, exire patiere, ut abs te non emissus ex urbe, sed immissus in urbem esse uideatur? Nonne hunc in uincla duci, non ad mortem rapi, non summo supplicio mactari imperabis?’*

[27] (...) **Marco Túlio, ‘o que estás fazendo’? Tu, por acaso, permitirás** que aquele que descobriste ser inimigo, aquele que vês que será o comandante da guerra, aquele que percebes ser esperado como general nos acampamentos dos inimigos, autor do crime, príncipe da conjuração, evocador dos escravos e destruidor dos cidadãos, **parta** para que pareça não ter sido expulso da cidade por ti, mas enviado contra a cidade? Não ordenarás que este seja jogado na prisão, conduzido à morte, sacrificado com o sumo suplicio?

Cícero, por outro lado, apresenta-se como o salvador de Roma em 3.9.22: *dis ego immortalibus ducibus hanc mentem uoluntatemque suscepi atque ad haec tanta indicia perueni* (“eu fui amparado pelos meus guias, os deuses imortais, neste projeto e desejo e cheguei a estas tão evidentes provas”).

A manipulação da linguagem era uma das principais armas retóricas de Cícero. Esta variava de acordo com o tipo de discurso e, principalmente, na presença de quais personagens. Conforme Albrecht (2003, p. 25s), “linguagem, estilo e conteúdo variam de acordo com o nível educacional da audiência⁴⁵”. Nos discursos populares, utilizava um latim “puro” – arranjos em série e acumulação (*coaceruatio*), de modo a oferecer um tom mais emotivo, mais convincente. Perante os demais senadores, mostra uma inclinação à sátira, ao uso de diminutivos e outros coloquialismos, e à ironia. Logo, o orador se adapta ao seu tipo de público, uma vez que parece menos “aberto”, “livre” quando fala aos *populares*. Albrecht (2003, p. 11) justifica a necessidade de o orador se acomodar ao tipo de interlocutor: “uma primeira diretriz para qualquer orador que quer influenciar sua audiência é evitar tudo o que possa parecer estranho a ela; assim, ele adapta sua linguagem e estilo ao uso comum⁴⁶”. Nas *Catilinárias*, o primeiro e quarto discursos foram proferidos diante do Senado, o segundo e o terceiro na presença do povo. Percebemos, deste modo, uma clara variação da linguagem utilizada por Cícero. A ironia é demonstração de proximidade com o público, neste caso os *patres conscripti*. Exemplo disso se acha em *In Catilinam* 1.1.2: *nos autem, fortes uiri, satis facere rei publicae uidemur, si istius furorem ac tela uitamus* (“porém, parece-nos que nós, homens corajosos, faremos o suficiente para a República se evitarmos o furor e as armas desse”). A *coaceruatio* pode ser encontrada no discurso dirigido ao povo. Temos dela exemplo em 2.1.1:

[1] *Tandem aliquando, Quirites, L. Catilinam, furem audacia, scelus anhelantem, pestem patriae nefarie molientem, uobis atque huic ferro flammaque minitantem, ex urbe uel eiecimus uel emisimus uel ipsum egredientem uerbis prosecuti sumus.*

Enfim, romanos, ou expulsamos da cidade Lúcio Catilina, que se enfurece em audácia, respira o crime, maquina, de modo nefário, a destruição da pátria, ameaça a vós e a esta cidade com ferro e chama, ou o colocamos para fora, ou o perseguimos com palavras, para ele próprio sair.

Segundo Achard (1991), um discurso, como herdeiro dos conceitos retóricos, deve ir diretamente ao tema, o retórico deve possuir um “tom” adaptado às coisas e a quem fala, a

⁴⁵ “Language, style, and content vary according to the educational level of the audience”.

⁴⁶ “A first negative guideline for any orator who wants to influence his audience is to avoid all that could strike them as odd; and therefore he conforms his language and style to the common usage”.

brevidade é preferível e o orador deve ganhar a confiança da sua plateia, além de possuir esses elementos retóricos, as *Catilinárias* foram organizadas como determinam os manuais de Retórica, i.e. possuem *exordium*, *narratio*, *diuisio*, *confirmatio*, *refutatio* e *peroratio*. Cícero, como grande orador e retórico que era, mantinha seus discursos organizados de acordo com essa preceptística e obtinha grandes resultados ao proferi-los, uma vez que se acreditava que era por meio dela que os ouvintes seriam convencidos.

Conclusão

Por meio de uma análise que leva em conta preceitos da antiga Retórica, abordamos aqui dois textos que tratam do mesmo tema e apresentam o mesmo réu, Catilina, acusado dos mais terríveis crimes contra a República Romana – as *Catilinárias* de Cícero e a *Conjuração de Catilina* de Salústio –, com o propósito de discutir a tradicional classificação das obras em foco de um ponto de vista estritamente histórico ou literário, questionando a separação absoluta desses gêneros textuais. Assim, apesar de ambos os textos possuírem caráter aparentemente apenas histórico e oratório/literário, percebemos em ambos procedimentos retóricos, explícitos ou implícitos, empregados por dois grandes nomes da literatura latina como forma de atingir seu público, procurando convencê-lo, manipulando convenientemente *pathos* e *logos*, de certo *ethos* por eles atribuído à personagem Lúcio Sérgio Catilina.

Referências bibliográficas

A – TEXTOS ANTIGOS

[CÍCERO]. *Retórica a Herênio*. Trad. Ana Paula Celestino Faria e Adriana Seabra. São Paulo: Hedra, 2005.

CICERO. *De re publica. De legibus*. vol. XVI. Trad. Clinton Walker Keyes. Cambridge: Harvard University Press, 2000.

_____. *De oratore*. Trad. E.W. Sutton. Cambridge: Harvard University Press, 1996.

_____. *Orator*. Trad. H. M. Hubbell. Cambridge: Harvard University Press, 1997.

_____. *In Catilinam I-IV. Pro Murena. Pro Sulla. Pro Flacco*. Vol. X. Tradução para o inglês de C. MacDonald. Cambridge: Harvard University Press, 1989.

CÍCERO. *As Catilinárias*. Texto latino, ordem direta e tradução literal dos quatro discursos de Cícero contra Catilina de Maximiano Augusto Gonçalves. Rio de Janeiro: Antunes, 1958.

_____. *As Catilinárias*. Texto original e tradução por Amilcare Carletti. 2. ed. São Paulo: EUD, 2000.

CICÉRON. *Discours. Tome X. Catilinaires*. Texto estabelecido por Henri Bonecque e traduzido por Édouard Bailly. Paris: Belles Lettres, 1996.

_____. *Orationes in Catilinam (Catilinaires)*. Edição, introdução e comentário por Auguste Haury. Paris: Presses Universitaires de France, 1969.

CICERÓN, M. T. *Catilinarias*. Texto latino com tradução literal e literária por Francisco Campos Rodríguez. 3. ed. Madri: Gredos, 1969.

CICERONIS, M. T. *Epistulae. Ad familiares*. Prefácios e anotações por W. S. Watt. Vol. I. Oxford: Oxford University Press, 1982.

_____. *In Catilinam*. Edição integral profusamente anotada, com um estudo introdutório sobre a relevante figura, política e literária, de Marco Túlio Cícero pelo P^o Arlindo Ribeiro da Cunha. Braga: Cruz, 1943.

SALLUST. *Bellum Catilinae*. Trad. E. H. Campbell. Seattle: Inopibus Press, 2007.

SÊNECA/SALÚSTIO. *Tratado sobre a clemência. A conjuração de Catilina. A guerra de Jugurta*. Trad. Antonio da Silveira Mendonça. Petrópolis: Vozes, 1990. pp. 95-134.

B – TEXTOS MODERNOS

ACHARD, G. *La communication à Rome*. Paris: Belles Lettres, 1991.

_____. Les discours dans la Conjuración de Catilina: une rhétorique nouvelle? *Vita Latina* **137**, 1995, pp. 21-29.

ALBRECHT, M. Von. *Cicero's Style. A Synopsis*. Leiden/Boston: Brill, 2003.

AMBROSIO, R. Cícero e a História. *Revista de História* **147**, 2002, pp. 09-31.
(Disponível em: <<http://www.revistasusp.sibi.usp.br/pdf/rh/n147/a01n147.pdf>>. Data de acesso: 08 junho 2011).

_____. *De rationibus exordiendi: os princípios da história em Roma*. São Paulo: Humanitas, 2005.

BATSTONE, W. W. Cicero's Construction of Consular Ethos in the First Catilinarian. *Transactions of the American Philological Association* **124**, 1994, pp. 211-266.

CAPE JR., R. W. Cicero's consular speeches. In: MAY, J. M (ed.). *Cicero. Oratory and rhetoric*. Leiden/Boston/Köln: Brill, 2002.

CHIAPPETTA, A. “Não Diferem o Historiador e o Poeta...”: O Texto Histórico como Instrumento e Objeto de Trabalho. *Língua e Literatura*, **22**, 1996, pp. 15-34. Departamentos de Letras Clássicas - Universidade de São Paulo.

CONTE, G. B. *Latin literature: a history*. Trad. Joseph B. Solodow. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1999.

DALPIAN, L. *As monografias de Salústio à luz da teoria historiográfica de Cícero*. Tese (Doutorado em Letras). Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 1994.

FORNARA, C. W. *The nature of history in ancient Greece and Rome*. Berkeley: University of California Press, 1983.

FORTES, F. da S. As Catilinárias de Cícero: uma análise discursiva. *Alétheia: Revista de estudos sobre Antigüidade e Medievo*, **1**, Janeiro a Julho de 2010. (Disponível em: <http://revistaale.dominiotemporario.com/doc/FORTES,_Fabio_da_Silva.pdf>. Data de acesso: 07 junho 2011).

FUNARI, P. P. A. Retórica e argumentação, do mundo clássico ao nosso cotidiano. *Revista história e-história*. Bragança Paulista: USF, 2004.

_____. *Antiguidade clássica: A história e a cultura a partir dos documentos*. Campinas: Unicamp, 2002.

_____; GARRAFFONI, R. S. Salústio e a historiografia romana. In: JOLY, F. D (org.) *História e retórica*. São Paulo: Alameda, 2007, p. 65-76.

GAILLARD, J; MARTIN, R. L'historiographie. In: *Les genres littéraires à Rome*. Paris: Scodel, 1981.

_____. L'éloquence. In: *Les genres littéraires à Rome*. Paris: Scodel, 1981.

HARTOG, F. *A história de Homero a Santo Agostinho*. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

MAINGUENEAU, D. A noção de *ethos* discursivo. Trad. Luciana Salgado. In: MOTTA, A. R.; SALGADO, L (org.). *Ethos discursivo*. São Paulo: Contexto, 2008.

NASCIMENTO, J. G. de O. *A Língua Portuguesa na História do Século XV: Fernão Lopes*. Sorocaba: Comunicação, 2001.

OLIVEIRA NETO, J.A. Tipos de relato histórico e modalidades. *Notas de aula*. (Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dlcv/paulomar/2008.2.html>. Data de acesso: 31 outubro 2011).

PEREIRA, M. A. A epístola a Luceio (*Fam.* V, 12): esboço de uma reflexão sobre a natureza da História a partir de Cícero. *Anais do I CELSUL*, Vol. 2, pp. 844-853, Florianópolis: UFSC, 1997.

ROCHA PEREIRA, M. H. *Estudos de história da cultura clássica*. Vol. II: cultura romana. Lisboa: Calouste-Gulbenkian, 1984.

SCATOLIN, A. *A invenção no Do orador de Cícero: um estudo à luz de Ad Familiares I, 9, 23*. Tese (Doutorado em Letras Clássicas). Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2009.

_____. *De oratore* 2, 51-54: uma releitura da história da historiografia à luz da retórica da polêmica. *Ciceronianíssimos II* – Colóquio sobre Marco Túlio Cícero pela promoção da Société Internationale des Amis de Cicéron. São Paulo: FFLCH-USP, 2012.

SILVEIRA, L. R. da. Os cenários narrativos de Salústio e a inauguração da monografia histórica em Roma. *XI Congresso Internacional da ABRALIC*, São Paulo, USP, 13 a 17 julho 2008. (Disponível em: <http://www.abralic.org.br/anais/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/044/LAURA_SILVEIRA.pdf>. Data de acesso: 07 junho 2011).

_____. *O retrato de Catilina em Salústio*. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal do Rio de Janeiro. Faculdade de Letras, 2003.

SYME, R. *Sallust*. Berkeley e Los Angeles: University of California Press, 1964.

WHITE, H. Historicismo, história e a imaginação figurativa. In: *Trópicos do Discurso. Ensaio sobre a crítica da cultura*. São Paulo: EdUSP, 2001.

WOODMAN, A.J. Theory: Cicero. In: *Rhetoric in classical historiography*. Oregon: Aeropagítica Press, 1988.

C – DICIONÁRIOS

GLARE, P. G. W. (ed.). *Oxford Latin Dictionary*. Oxford: Oxford University Press, 1968.

SARAIVA, F. R. dos Santos. *Novíssimo dicionário latino-português*. 11. ed. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Garnier, 2000.